



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
MESTRADO EM LETRAS**

FRANCIELI GONZALEZ SANTOS

**“TEMPLO É DINHEIRO”: DA FÉ À PROSPERIDADE, UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DA “TEOLOGIA DA PROSPERIDADE”**

**CASCADEL – PR
2024**

FRANCIELI GONZALEZ SANTOS

**“TEMPLO É DINHEIRO”: DA FÉ À PROSPERIDADE, UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DA “TEOLOGIA DA PROSPERIDADE”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, para obtenção do título de mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Estudos Discursivos: Memória, sujeito e sentido.

Orientador: Prof. Dra. Raquel Moreira.

CASCADEL – PR
2024

RESUMO

O discurso religioso é um dos discursos fundadores no Brasil; isso decorre da influência da Igreja Católica desde o início da colonização. Porém, nos últimos 50 anos, as igrejas evangélicas vêm ganhando espaço. Por isso, buscamos compreender a relação entre os dogmas das igrejas evangélicas como da Teologia da Prosperidade (TP) e os discursos que permeiam essa relação a partir da teoria francesa de Análise do Discurso (AD). O objetivo desta pesquisa é compreender como a TP funciona discursivamente nas igrejas neopentecostais. Sobre este tema, escolhemos o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que é a maior representante do neopentecostalismo no Brasil, que circula no Jornal da Igreja Universal para realizar este trabalho. A base teórica utilizada foi a AD de orientação francesa e a teoria da ética protestante de Max Weber. Os nossos objetos discursivos foram as publicações no site da IURD e o periódico semanal *Folha Universal*. A partir da seleção de recortes discursivos presentes no site e no jornal, analisamos seu funcionamento discursivo para compreendermos os efeitos de sentido produzidos sobre a “Teologia da Prosperidade”. Os discursos analisados mostraram que temas como o Temor a Deus e o Princípio da Semeadura são usados para fortalecer a coesão da comunidade religiosa e promover o enriquecimento da igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, Teologia da Prosperidade, Neopentecostalismo, Igreja Universal do Reino de Deus.

RESUMÉN

El discurso religioso es uno de los discursos fundadores en Brasil, hacia la colonización del país la Iglesia Católica tuvo mucha influencia. Pero, en los últimos 50 años las iglesias evangélicas están ganando espacio. En este trabajo buscamos comprender la relación entre los dogmas de las iglesias evangélicas con la Teología de la Prosperidad y los discursos que permeian esta relación, a partir de la teoría francesa de la Análisis de Discurso. El objetivo de esta pesquisa es comprender cómo la Teología de la Prosperidad funciona discursivamente en las iglesias neopentecostais. Elegimos el discurso de la Iglesia Universal del Reino de Dios, que es la más grande representante del neopentecostalismo en Brasil, que circula en el periódico Folha Universal para realizar este trabajo. La base teórica utilizada fue, como ya mencionamos, la Análisis de Discurso francesa y la teoría de la ética protestante de Max Weber. Nuestros objetos discursivos fueron las publicaciones en el sitio de la Iglesia Universal del Reino de Dios y el periódico Folha Universal. A partir de una selección de recortes discursivos presentes en el sitio y en el periódico analizamos su funcionamiento discursivo para comprender los efectos de sentidos producidos sobre la Teología de la Prosperidad. Los análisis muestran que temas como el Temor a Dios y el Principio de la Siembra son utilizados para fortalecer la cohesión de la comunidad religiosa y promover el enriquecimiento de la iglesia.

PALAVRAS-CHAVE: Análisis de discurso, Teología de la Prosperidad, Iglesia Universal del Reino de Dios.

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	5
INTRODUÇÃO.....	6
1. A PROSPERIDADE COMO MOTOR DA FÉ	13
2. CRER: UM INVESTIMENTO	26
3. UM DISCURSO PARA O SUCESSO	52
3.1 Categoria 1: Temor a Deus	54
3.2 Categoria 2: Princípio da Semeadura	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se refere a uma investigação sobre o funcionamento do discurso religioso disseminado pelas igrejas neopentecostais e aos efeitos de sentido que relacionam essas instituições religiosas à prosperidade financeira. O trabalho utiliza como *corpus* de análise recortes discursivos retiradas do periódico *Folha Universal*, disponível no site da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)¹, durante o período de um ano (maio de 2022 à maio de 2023). Este objeto foi escolhido porque a IURD é o maior expoente do neopentecostalismo brasileiro, pois possui cerca de 2 milhões de adeptos no Brasil e atua em mais de 130 países².

Nesse sentido, analisaremos o funcionamento discursivo da Teologia da Prosperidade (TP) - uma doutrina religiosa cristã que defende que a bênção financeira é o desejo de Deus para os fiéis - nas igrejas evangélicas, sobretudo, na vertente neopentecostal, representada pela Igreja Universal do Reino de Deus. Dessa forma, o objetivo desse trabalho é: analisar o funcionamento da TP no discurso religioso da IURD.

Com relação à matriz teórico-metodológica, a pesquisa será realizada sob os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, no intuito de mobilizar conceitos como: *condições de produção*, *memória e interdiscurso*. Aliado a essa perspectiva analítica, serão discutidas as bases políticas e históricas que embasam a ética protestante para compreender a relação dessas religiões com o desenvolvimento do capitalismo.

Sendo assim, dividiremos o trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo - intitulado “A prosperidade como motor da fé” - apresentará as condições de produção do aparecimento do discurso protestante, considerando seus aspectos históricos e simbólicos, desde a Reforma Protestante, ocorrida no século XVI, até o desenvolvimento do neopentecostalismo. Esse caminho se torna fundamental ao desenvolvimento da pesquisa, pois:

É impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesmo, mas é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção (Pêcheux, 1990, p. 79).

Logo, um discurso não tem início em si mesmo, mas se conecta com discursos já produzidos. Elementos como o contexto imediato da enunciação, a posição ocupada pelo sujeito

¹<https://www.universal.org/>

²<https://www.bbc.com/portuguese/internacional57517577#:~:text=O%20projeto%20de%20transnacionaliza%C3%A7%C3%A3o%20fez,mundo%2C%20segundo%20a%20pr%C3%B3pria%20institui%C3%A7%C3%A3o.>

dentro de uma formação discursiva e os efeitos de sentido desse discurso em relação a outros que o precederam compõem as condições de produção. Sobre esse aspecto, Pêcheux (1997, p. 75) considera que os elementos exteriores à língua integram o funcionamento discursivo, pois “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Nesse ínterim, as condições de produção são primordiais, pois, para a Análise de Discurso, o objeto de estudo é o *discurso*, entendido como um processo de produção de sentidos a partir da relação intrínseca entre história, língua e sujeito; assim, o discurso deve ser pensado na sua estreita relação com as condições de produção.

Então, cabe ressaltar a tese de Max Weber, a qual aponta que a eclosão da Reforma Protestante contribuiu para o desenvolvimento do sistema capitalista. O autor afirma que a teologia e a ética do calvinismo foram aspectos fundamentais para que o modo de produção capitalista se consolidasse no norte da Europa e nos Estados Unidos. Weber observou que em certos países da Europa - sobretudo a Inglaterra - um grande número de protestantes calvinistas estava envolvido com ocupações ligadas ao capital e ao comércio.

Em sua obra, ele se baseou essencialmente nos puritanos - vertente calvinista que se desenvolveu nos Estados Unidos - e em grupos influenciados por essa dissidência protestante. A partir de sua análise, Weber percebeu o surgimento de um "espírito capitalista" que valorizava o lucro e o trabalho. Ele argumenta que este pressuposto resultou do sentido de vocação associado, pelos protestantes, ao trabalho e ao conceito de predestinação, que compõe o cerne da teologia calvinista. Isso gerou um novo tipo de ascetismo, organizado mediante uma vida disciplinada, apego ao trabalho e valorização do acúmulo de capital:

Pois a ascese, ao se transferir das celas dos mosteiros para a vida profissional, passou a dominar a moralidade intramundana e assim contribuiu [com sua parte] para edificar esse poderoso cosmos da ordem econômica moderna ligado aos pressupostos técnicos e econômicos da produção pela máquina, que hoje determina com pressão avassaladora o estilo de vida de todos os indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem - não só os economicamente ativos - e talvez continue a determinar até que cesse de queimar a última porção de combustível fóssil [...] quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço/jaula de ferro (Weber, 2007, p. 165).

Nesse sentido, a secularização do espírito protestante contribuiu para a disseminação de um ideário vinculado ao acúmulo de capital, baseado na propriedade privada e na concepção de que o trabalho dignifica o homem. Desse modo, o sagrado entra na esfera profana com o desenvolvimento da ética protestante, à medida que novas estruturas sociais e econômicas do capitalismo passam a embasar a consolidação de uma religião.

Desse modo, é preciso mobilizar o conceito de *formação discursiva*, que é “aquilo que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada na conjuntura social” (Pêcheux, 1975, p.188), pois, ao longo do primeiro capítulo, analisaremos justamente a relação entre o objeto discursivo religioso, no qual está inserido a ética protestante, e a economia capitalista, a qual valoriza o acúmulo de capital. Essa conexão é o que orienta a nossa pesquisa, pois consideramos que o elemento que conecta o capitalismo e a religião é a TP, uma vez que ela ancora pressupostos religiosos a condições de prosperidade financeira associadas ao capitalismo.

Nesse sentido, o neopentecostalismo, corrente na qual se enquadra a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), é fundamental para o desenvolvimento da nossa pesquisa, visto que, em sua prática religiosa, a TP é um dos seus componentes centrais. Por isso, procuramos analisar o funcionamento discursivo em relação à prosperidade financeira e ao trabalho propostos pelo neopentecostalismo, por meio da utilização da TP.

Assim, a segunda parte do trabalho será dedicada à expansão do neopentecostalismo no Brasil, sobretudo, a ascensão da IURD, principalmente, pela posse de aparelhos de controle midiático - como emissoras de televisão, rádios e editoras - e pela influência política, exemplificada por lideranças evangélicas ocupando cargos na câmara de deputados e no senado. Isso porque as igrejas evangélicas³ apresentaram um crescimento considerável em seu número de seguidores nos últimos 50 anos. Segundo dados do IBGE⁴ de 2020, 31% da população se declarou adepta a alguma vertente evangélica, sendo que em 1970 esse número era de apenas 5,2%. Por isso, é fundamental analisar os impactos sociais e políticos que essas religiões causam no país.

Sob esse prisma, um ponto central para esse trabalho é a historicidade da Igreja Universal do Reino de Deus, no Brasil, suas filiações políticas e atuação nos meios de comunicação. Para isso, é imprescindível observar “o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer” (Orlandi, 2015, p. 29), uma vez que o discurso sempre se constitui no encontro de dois eixos, o da memória e o da atualidade, precisamos contextualizar historicamente a condição da Igreja Universal do Reino de Deus e buscar compreender sua influência política e social no Brasil.

3Na América Latina, o termo ‘evangélico’ diz respeito às igrejas protestantes históricas (Luterana, Presbiteriana, Congregacional, Anglicana, Metodista, Batista, Adventista), as pentecostais (Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc.) e as neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra etc).

4Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

De acordo com Mariano (2005), sociólogo e professor da USP, as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais consideram estratégico ocupar posições de mando da nação, dentre elas as de natureza política, para assegurar seus interesses institucionais e sua liberdade religiosa, estender sua influência e seu poder político e defender seus valores morais e sua visão de mundo. Sendo assim, um aspecto incorporado pelas igrejas evangélicas foram os meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio, a influência na publicidade, no mercado editorial e posteriormente na internet. Dessa forma, conseguiram alcançar um número expressivo de pessoas e disseminar seus ideais. Para além disso, eles também adotaram elementos que os diferem da doutrina católica:

Entre esses elementos inovadores estão a ênfase no maniqueísmo e na guerra espiritual; a adoção da Teologia da Prosperidade; a flexibilidade quanto aos padrões de usos e costumes de santidade [...] a estrutura empresarial, fugindo ao discurso estritamente religioso e organizando-se e difundindo-se dentro dos princípios da economia de mercado. As primeiras do ramo foram a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD, RJ, 1977), Internacional da Graça de Deus (RJ, 1980), Cristo Vive (RJ, 1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (Goiânia, 1976) e Renascer em Cristo (SP, 1986) (Mariano, 2005, p. 32-34).

Dentre esses elementos inovadores, destacamos a TP, que teve origem nos Estados Unidos durante o século XX e tem como referência o puritanismo (uma vertente do Calvinismo), o qual pregava que o trabalho era uma vocação divina e o sucesso decorrente dele, um sinal da predestinação. Isso levou muitos teóricos a considerarem o Calvinismo a religião do capitalismo, pois, ao contrário da Igreja Católica, não condenava o comércio, o empréstimo a juros e considerava as riquezas oriundas do trabalho como graça divina. Assim como afirma o historiador Gerson Leite de Moraes, professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em entrevista ao portal UOL notícias⁵, “Quando calvinismo e capitalismo se encontram é o casamento perfeito, ambos valorizam o trabalho e reinvestem o fruto do trabalho em mais trabalho. O que, em última instância, gera acúmulo de capital”. Sendo assim, com a consolidação do modo de produção capitalista orientado para o lucro, o motor das relações produtivas e sociais é o dinheiro.

Então, a terceira parte do trabalho será dedicada a análise do *corpus*. Neste capítulo, serão apresentadas as sequências discursivas⁶ que foram selecionadas durante o período de um

5A entrevista na íntegra pode ser acessada pelo link: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2021/11/30/quem-foi-joao-calvino-protestantismo-capitalismo-europa.htm>

6A noção de sequência discursiva, definida por Courtine (1981:25) como “sequência orais ou escritas de dimensão superior à frase”, é fluida o suficiente para viabilizar a apreensão das formulações discursivas (FDS), ou seja, de sequências linguísticas nucleares, cujas realizações representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (e repetibilidade que sustenta o interdiscurso) (MARIANI, 1988, p. 53).

ano (maio de 2022 a maio de 2023). O critério de seleção foi que elas apresentassem o funcionamento discursivo da Teologia da Prosperidade.

Isto posto, cabe ressaltar a importância social da pesquisa, uma vez que o Brasil tem como referência hegemônica religiões de matriz judaico-cristã em sua formação, devido à colonização europeia. Dessa forma, a partir da invasão portuguesa, houve a imposição da religião Católica, com a presença dos padres jesuítas, no ano de 1549, em uma tentativa incisiva de aculturar os indígenas.

A própria criação da Companhia de Jesus se deu no século XVI em uma resposta à Reforma Protestante, liderada por Martinho Lutero, momento no qual houve um rápido avanço do protestantismo, o que ameaçou a soberania da Igreja Católica. Desse modo, com o objetivo de conter esse movimento, a igreja realizou a Contrarreforma – ações que foram estabelecidas a partir do Concílio de Trento e que tinham o objetivo de propagar o Cristianismo pelo mundo. Então, as duas coroas católicas – Portugal e Espanha – procuraram formas de barrar a disseminação das preposições de Lutero no continente americano, entre elas, houve a criação da Companhia de Jesus.

Nesse sentido, com a imposição religiosa e a vinda de mais imigrantes europeus, o catolicismo se tornou religião oficial do Brasil até 1889, com a Proclamação da República, e esse imaginário cristão se mantém até os dias atuais. Exemplos dessa hegemonia são materializados em símbolos como a imagem associada a Jesus Cristo impressa na cédula da moeda nacional, o crucifixo exposto na Câmara dos Deputados e o calendário de feriados nacionais que está ancorado em datas cristãs, como Corpus Christi (25 de maio), o Dia de Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro) e o Natal (25 de dezembro). Tais símbolos ganham caráter oficial apenas quando se referem ao imaginário cristão, visto que manifestações sacras de outras religiões - como o Candomblé e a Umbanda - não são adotadas de modo oficial.

Sendo assim, na tentativa de construir um discurso fundador dessa nação, o discurso religioso foi utilizado e, segundo Orlandi (1993), existem vários caminhos a serem percorridos no entendimento do que seja o discurso fundador, quando se trata de pensarmos a formação de um país. Um deles é perceber que esse discurso fundador é algo que instala condições de formação de outros discursos, que produzem uma região de sentidos e assim configura um processo de identificação para uma cultura, uma raça, uma nacionalidade. Desse modo, a manutenção dos símbolos citados é uma das formas do fortalecimento desse discurso fundador.

Por conseguinte, a língua e a história são os fatores que possibilitam a produção de sentidos, uma vez que a língua é o lugar material onde se realizam os efeitos de sentido e a história está intrinsecamente relacionada às condições de produção. Portanto, atentamos para o

fato de que um dos discursos fundadores que se estabelece no Brasil é o da Igreja Católica, pois o catolicismo foi e ainda é a religião que possui o maior número de fiéis no Brasil; contudo, com o desenvolvimento das igrejas evangélicas, a Igreja Católica vem perdendo espaço, principalmente nos últimos 50 anos. Desse modo, a importância do estudo da temática se relaciona à influência política, histórica e social que as igrejas neopentecostais apresentam no Brasil, com ênfase na Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Cabe comentar, brevemente, o estado da arte em relação às produções acadêmicas associadas à TP. Entre elas, destaca-se o livro *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, de Ricardo Mariano (2011), em que o autor destaca a expansão da TP, principalmente, em países subdesenvolvidos como o Brasil, e como a doutrina ganhou milhões de seguidores. A “Teologia da Prosperidade”, para o teórico, enfatiza a busca pela prosperidade material, financeira e saúde física como evidência de bênçãos divinas. O autor argumenta que essa ênfase na riqueza e no sucesso financeiro é uma característica marcante desse movimento religioso. O trabalho de Mariano é fundamental para a compreensão da expansão da TP e seus efeitos políticos e sociais no Brasil, sua pesquisa foi basal para a nossa dissertação.

Sua tese propõe que a TP trata a religião como uma mercadoria, uma vez que os líderes religiosos promovem a concepção de que doações financeiras para a igreja resultarão em recompensas materiais e espirituais. Ele argumenta que essa abordagem pode transformar a fé em um empreendimento comercial. O sociólogo destaca as implicações sociais da TP e inclui a polarização econômica dentro das congregações, visto que alguns fiéis podem ficar endividados devido a doações significativas, enquanto outros prosperam. Mariano também observa que a busca obsessiva pela prosperidade pode criar uma mentalidade de ganância e individualismo, o que deturpa o verdadeiro significado da fé e explora os vulneráveis financeiramente. Dessa forma, a perspectiva do autor referente à TP oferece uma análise sociológica abrangente desse movimento religioso, que tem sido influente em muitos países, como o Brasil.

Acrescenta-se ainda a dissertação de mestrado “TP e sua expansão pelo mundo”, de Carolyne dos Santos Lemos (2017), a qual considera que o ponto central da TP compreende a comercialização da fé cristã, o que deturpa os ensinamentos presentes no texto bíblico. Conforme a autora, essa teologia se apresenta com uma roupagem que introduziu a pobreza e a doença no rol de maldições que poderiam acometer a vida daqueles que não buscam acumular riqueza na terra, a partir do controle dos meios de comunicação. Seu trabalho apresenta os fatores que colaboraram para a difusão mundial da TP, enfatizando a particularidade brasileira e as implicações da TP para deslegitimar os ensinamentos de Cristo.

Outro texto fundamental para a construção do nosso trabalho é a tese de doutorado “Discurso, Cognição e Sociedade: O Discurso religioso na Igreja Universal do Reino de Deus”, de Marcus Túlio Tomé Catunda (2016). Tal trabalho tem como objetivo o estudo da construção do Discurso Religioso da Igreja Universal do Reino de Deus e põe em evidência o modo como a IURD é capaz de forjar um discurso jornalístico de publicidade institucional, revestido de um discurso religioso, a partir dos meios de comunicação de massa, para manipular o uso da língua na construção sociocognitiva.

À luz do que foi apontado até então, a pesquisa se desenvolverá em torno do funcionamento discursivo da temática da “Teologia da Prosperidade” dentro das instituições neopentecostais e na análise dos efeitos de sentido que relacionam o vínculo da igreja com a prosperidade financeira.

1. A PROSPERIDADE COMO MOTOR DA FÉ

“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido.”

Salmo 1:3

A Linguística tem como objeto a *língua* e considera que ela possui sua ordem própria. Já a Análise do Discurso reconhece que a língua não é transparente e, por isso, “procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um a outro” (Orlandi, 2015, p. 17). Para a Linguística, a língua é abstrata, porém a Análise do Discurso (AD) considera-a como forma material, pois contempla o legado do materialismo histórico. Desse modo, há uma ligação, que não pode ser desconsiderada, entre língua e história para a produção de sentidos. Por isso, a AD percebe o discurso como opaco, de modo que o que interessa para esta teoria não é uma interpretação linear do discurso, mas sim a maneira com que ele produz sentidos.

Sendo assim, conforme Pêcheux (1997), entender a língua em sua materialidade é perceber que ela permite a comunicação e a não-comunicação. Para o autor, a materialidade linguística não se trata da transmissão de uma informação - mensagem - que carrega um sentido em si mesma ou apenas uma expressão do pensamento, visto que as palavras não têm sentido descoladas da história e da sociedade. Desse modo, Courtine (2006) aponta que “a análise do discurso é uma prática da leitura dos textos políticos, e até mesmo um pouco mais: uma política da leitura” (Courtine, 2006, p. 9).

Nesse sentido, a compreensão dos textos passa por um percurso de leitura também exterior ao texto, a qual considera os contextos histórico e social no qual os efeitos de sentido estão inseridos. Logo, é preciso ressaltar a importância das *condições de produção*, pois, o sujeito, constituído pela ideologia, constrói um saber que não é ensinado, mas que está em andamento e que produz seus efeitos. Este processo de constituição do saber ocorre por meio da exposição do sujeito às condições de produção de sentido, tanto restritas - aquelas que se limitam às circunstâncias da enunciação (contexto imediato) - quanto abrangentes, das quais fazem parte os contextos social, histórico e ideológico.

Nesse viés, os processos discursivos são fruto do imbricamento entre o político e o simbólico, influenciados pelas instituições e pela história, visto que “os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas” (Orlandi, 2015, p. 40). Então, o sentido das

palavras não é inerente a elas, já que significam a partir do momento que se inscrevem em formações discursivas; tal conceito aparece na obra de Michel Pêcheux, em seu artigo “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”. Ao criticar os linguistas estruturalistas e gerativistas por terem incorporado o modelo fonológico saussuriano para o domínio do sentido, Pêcheux mostra que, ao se pensar as sistematicidades da língua como um compilado de níveis, se está, na verdade, recobrindo o corte saussuriano entre *langue*/parole. “O elo que liga as significações de um texto às suas condições sócio-históricas não é secundário, mas constitutivo das próprias significações” (Pêcheux, 1971, p.147). O autor propõe então uma intervenção epistemológica nas semânticas linguísticas. Nesse sentido, há necessidade de pensar esse paradigma à luz do materialismo histórico. É a partir dele que se pode fazer a localização de novos objetos, colocando-os em relação à ideologia.

A partir desse paradigma, a relação que buscamos estabelecer nesta pesquisa está na análise do objeto discursivo religioso – a Teologia da Prosperidade –, o qual está submetido ao primado econômico capitalista. Visamos analisar o elo que liga o conjunto de discursos, práticas sociais, instituições e ideologias que se relacionam e se influenciam mutuamente sob determinadas condições de produção, pois é uma estrutura que influencia e é influenciada pela linguagem e pelas práticas discursivas e, assim, molda a interpretação e a produção de significados.

Para isso, é fundamental partir das condições de produção, pois, dessa forma, é possível compreender os efeitos de sentido, uma vez que o sentido é construído historicamente na relação que estabelece entre o sujeito e a língua, visto que, a condição da língua é a incompletude, pois sujeitos e sentidos não são constituídos de antemão e de modo definitivo. Eles se constituem a partir da relação que estabelecem com a língua, a história e a ideologia. Sendo assim, o sentido “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (Pêcheux, 2014, p.146). Há, portanto, a necessidade de considerar o surgimento das dissidências protestantes e seus desdobramentos até a contemporaneidade como forma de compreender as condições de produção que levaram à construção da TP.

Até a Idade Média, o trabalho era visto como algo de menor valor, a ser realizado pelos servos e que não lhes gerava riqueza, já que o trabalho dessa classe social sustentava a nobreza e o clero. Conforme a análise presente no artigo “A transição do feudalismo ao capitalismo interpretada pelo marxismo analítico”, de Fabien Tarrit, existe uma coerção extraeconômica evidente, “uma superestrutura cuja função é extrair a força de trabalho. Uma transformação revolucionária tem então como tarefa a aquisição de liberdades individuais e o estabelecimento

da propriedade privada”. (Tarrit, p. 75, 2017). Então, a partir do avanço do comércio, após a reabertura comercial propiciada pelas cruzadas, o trabalho passou a gerar lucro.

Aliado ao desenvolvimento do comércio, a Reforma Protestante foi um marco dessa mudança de paradigma da igreja em relação ao dinheiro e ao trabalho, ou seja, do processo de revolução social, que se tornou inevitável, pois o antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais da nossa época é um fato palpável, esmagador e indiscutível. Desse modo, uma vez que o desenvolvimento das forças produtivas é limitado pela estrutura econômica, somente uma transformação das relações de produção - superestrutura - poderia vir a sanar essa contradição.

O protestantismo emerge também a partir de um desejo de contestação⁷ da ordem religiosa mantida pela Igreja Católica por tantos séculos, devido aos diversos escândalos de corrupção – como a venda de indulgências. As igrejas protestantes históricas (Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo) surgem no momento das grandes navegações e da formação dos Estados-Nação, o que marca o processo de passagem da Idade Média para o início da Idade Moderna.

A Reforma Protestante serviu também a interesses políticos de fortalecimento do Estado. Os príncipes das monarquias europeias desejavam maior autonomia e poder em relação à Igreja Romana. Além de pagar menos impostos, os nobres também se beneficiaram do confisco das terras da Igreja. É o caso da Inglaterra com a Reforma Anglicana; o clero teve os bens confiscados e, portanto, subordinados ao rei, que passou a ser o líder religioso.

A Reforma Protestante quebrou o “monopólio” espiritual da Igreja Católica na Europa e abriu caminho para o surgimento de diversas vertentes do Cristianismo. No século XVI, surgiram as religiões Anglicana (Inglaterra), Luterana (Alemanha), a Calvinista (França e Suíça). No século XVIII, surge a Igreja Metodista (Reino Unido) e, a partir do século XIX, as religiões Pentecostais e Neopentecostais, que ficaram populares nos Estados Unidos e que serão tratadas posteriormente.

Na Inglaterra, houve a expulsão dos puritanos⁸, que foram exilados no território que atualmente representa os Estados Unidos. Como a população que foi enviada ao território americano possuía uma religião originária da Reforma (puritanismo), as religiões que se

7 Os primeiros documentos de abusos explícitos nessa área remontam à correção do Quarto Concílio de Latrão (1215).

8 O puritanismo designa uma concepção da fé cristã desenvolvida na Inglaterra por uma comunidade de protestantes radicais depois da Reforma.

desenvolveram no país também descenderam da linhagem protestante. Por isso, existe um grande número de igrejas evangélicas adventistas e testemunhas de Jeová nos Estados Unidos.

As igrejas protestantes históricas se desenvolveram enquanto a Europa estava no processo de colonização da América, período das grandes navegações. Na arte e na filosofia, o continente passava pelo renascimento cultural, pelo humanismo, por grande avanço científico e pelo desenvolvimento bélico. Dessa forma, havia muita esperança de prosperidade financeira e novas terras a serem exploradas, tanto que a América ficou conhecida como “Novo Mundo”. Em consonância com as discussões propostas por Weber, “a implicação de prosperidade como uma consequência da fé tem uma longa história no Protestantismo americano, que vem da época dos puritanos, que finalmente encontraram abundância tanto quanto liberdade religiosa em sua nova terra”. (Garrard-Burnett, p 181, 2011).

As teologias do Luteranismo, Calvinismo e Anglicanismo se difundiram rapidamente pela Europa. Embora as duas coroas que detinham o monopólio sobre a América fossem extremamente católicas - Portugal e Espanha -, elas mantinham relações comerciais assíduas com a França e a Inglaterra, pois necessitavam exportar e importar produtos. Para este trabalho, o foco está nos desdobramentos do calvinismo nos Estados Unidos, pois é essa dissidência que propiciará o fenômeno do pentecostalismo.

Nesse sentido, o desenvolvimento do modo de produção moderno – mercantilista –, especialmente na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, estava intrinsecamente ligado à ascensão de uma ética específica, a que o sociólogo Max Weber denominou: “ética protestante”. Esse termo refere-se, principalmente, às influências do calvinismo e do puritanismo, movimentos religiosos protestantes que surgiram durante a Reforma Protestante no século XVI.

A relação entre o desenvolvimento do novo modo de produção e o protestantismo foi analisada por Weber, em sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Segundo o autor (2004), o protestantismo captou o espírito do tempo em que surgiu ou de que ele é fruto, pois a ética protestante enfatiza a importância do trabalho, da responsabilidade individual e do autodomínio. Os protestantes acreditavam que a prosperidade material poderia ser um sinal de eleição divina, ou seja, uma indicação de que Deus havia escolhido alguém para a salvação eterna. Por isso, os fiéis eram incentivados a buscar o sucesso econômico como uma forma de materializar sua eleição divina, tal abordagem promove a noção de que o trabalho é um meio de alcançar a bênção sagrada.

A concepção do trabalho como vocação religiosa produziu efeitos de sentido que auxiliaram os comerciantes do mercantilismo, dando-lhes boas razões para “entregar-se sem descanso e conscienciosamente à sua tarefa, para empreender a racionalização implacável para

perseguirem o ganho, sinal de sucesso no cumprimento da vocação” (Boltanski;Chiapello, 2009, p. 40). Ela também serviu para convencer os operários que trabalhavam de forma assídua, pois estavam certos de que o homem deve cumprir seu dever onde quer que Deus o tenha colocado; esse discurso fazia com que eles não questionassem a situação que lhes era imposta.

A partir de tal conjuntura, é possível perceber como essa concepção religiosa atua no funcionamento da ideologia que, parafraseando Althusser (1980), é um sistema de ideias, crenças e valores que moldam a visão de mundo das pessoas e influenciam suas percepções, comportamentos e ações. Ela desempenha um papel fundamental na reprodução das relações de classe e na manutenção do poder da classe dominante em uma sociedade, a partir dos "Aparelhos Ideológicos de Estado" (AIE), que são instituições e mecanismos que transmitem a ideologia da classe dominante. Dentro dessa perspectiva, a igreja, em qualquer de suas vertentes - munindo-se dos preceitos e valores que sustentam o discurso religioso, funciona como um AIE, pois

Não são as condições de existências reais, o seu mundo real, que os homens representam na ideologia, mas é a relação dos homens com estas condições de existência que lhes é representada na ideologia. É esta relação que está no centro de toda a representação ideológica, portanto imaginária do mundo real. Toda ideologia representa, na sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes, mas antes de mais nada a relação imaginária dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam. Na ideologia, o que é representado não é sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária destes indivíduos com as relações reais em que vivem (Althusser, 1980, p. 81).

Sendo assim, a mudança da visão sobre o trabalho e a sua ligação com o mundo espiritual propiciou a interligação da instituição com a vida cotidiana dos sujeitos, interpondo-se como interlocutora de uma vida espiritual pautada pela vida material. Os novos “ditames” divinos voltam-se para as relações de produção,

Weber mostra essa relação – entre o objeto discursivo religioso, representado pelo protestantismo, submetido ao primado econômico – de modo a apontar para uma nova perspectiva de valor agregado ao trabalho, pois, em uma sociedade estamental, como era a Idade Média, os servos não trabalhavam em busca da conquista de bens materiais; eles executavam sua função porque a pirâmide social do medievo era estamental, logo, não poderiam executar outro papel. Já a partir dessa mudança de paradigma em relação ao trabalho, novas interpretações foram possíveis e, assim, outras formas de controle. Diante disso, provém sua importância como ideologia dominante.

Em consonância, os efeitos de sentidos estão relacionados às formações ideológicas - desenvolvidas e sustentadas em Aparelhos Ideológicos de Estado - que “possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classe: os ‘objetos’ ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a ‘maneira de se servir deles’ - seu ‘sentido’, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem” (Pêcheux, 1995, p. 146.). A ideologia da classe dominante - nesse momento, representada pela burguesia em ascensão - se materializa no discurso e nele podemos perceber como linguagem e ideologia se relacionam. Dessa forma, o fato de interpretarmos um enunciado já carrega elementos ideológicos, pois há um efeito de evidência na interpretação, como se o discurso fosse apenas interpretável do modo que foi feito por aquele sujeito, naquele momento histórico e que possui aquele lugar social. Logo

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado ‘queira dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (Pêcheux, 1993, grifos do autor).

Há, portanto, uma naturalização do sentido e, neste sentido, da relação existente entre o histórico e o simbólico. “Por esse mecanismo - ideológico - de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade” (Orlandi, 2015, p. 44).

Nesse contexto, e também com os escândalos de corrupção e venda de indulgências pela Igreja Católica, a teologia de Lutero começou a se popularizar. O trabalho passou a ser uma fonte de orgulho e dignidade; logo, ter uma profissão era seguir a vocação que lhe foi dada por Deus, cumprindo a missão na terra, em busca de ganhar o reino dos céus.

Nesse sentido, a concepção mais próxima entre a espiritualidade e a vida material – diferente da igreja católica – parece ter possibilitado aos fieis protestantes maior identificação com o modo de produção capitalista, centrado na economia privada e acúmulo de capital.

É uma das qualidades fundamentais da economia privada capitalista ser racionalizada com base no cálculo aritmético rigoroso, ser gerida de forma planejada e sóbria para o almejado sucesso econômico, contrariamente à existência do camponês, o qual leva a vida da mão para a boca (Weber, 2004, p. 67).

Essa forma de ver o trabalho e a conquista de patrimônio demonstra a mudança do modo de produção feudal para o modo de produção moderno, pois o primeiro estava associado mais à subsistência, como o próprio autor aponta, e o segundo partia de um sistema econômico mais complexo e voltado para o acúmulo de capital. Essa nova perspectiva é oposta ao ideal bíblico,

tido até então pelos católicos, de que se deve obter apenas o necessário para viver, tanto que a usura e o lucro eram considerados pecados até a Idade Média. É possível observar essa perspectiva a partir do versículo contido no Antigo Testamento: “Se fizerem empréstimo a alguém do meu povo, a algum necessitado que viva entre vocês, não cobrem juros dele; não emprestem visando a lucro” (Bíblia, Êxodo 22,25).

Entretanto, mesmo a prática de obter “lucro” sobre outrem sendo taxativamente desaconselhada pelo texto bíblico, a partir do desenvolvimento do modo de produção moderno, há a construção de um imaginário no qual a ascensão social se torna possível por meio do trabalho e que passa a ser incentivada por parte da ideologia religiosa, relacionada ao desenvolvimento do protestantismo.

Então, a ínfima chance de crescimento financeiro fez com que a dedicação maior ao trabalho fosse um pilar para que os fiéis obtivessem potencial de compra e acúmulo de capital, tendo em vista que houve uma flexibilização na noção de lucro, antes não aceita pela Igreja Católica. Além disso, Weber destaca o conceito de "ascetismo mundano", que se refere à renúncia aos prazeres mundanos em busca do trabalho árduo e do acúmulo de riqueza. Esse ascetismo, segundo ele, estava baseado na crença de que o sucesso material era um meio de glorificar a Deus e cumprir um dever religioso.

A partir das dissidências protestantes emerge o movimento pentecostal; em grego antigo, *pentecost* significa quinquagésimo dia. O dia marca a passagem de 50 dias depois da Páscoa. No judaísmo, se refere à Festa das Semanas ou Festa dos 50 Dias, celebrado no 50º dia depois da Páscoa judaica. No Cristianismo, é marcado por um evento em que cristãos receberam dons do Espírito Santo, conforme descrito no segundo capítulo dos Atos dos Apóstolos, quinto livro do Novo Testamento: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava” (Bíblia, At, 2, 4)., diz a passagem. Os pentecostais acreditam na “inerrância Bíblica”, ou seja, o texto da Bíblia não contém falha ou contradição e que a volta de Jesus Cristo à Terra está próxima.

Tal movimento tem sua gênese nos EUA no início do século 20. A sequência de eventos conhecida como “avivamento da rua Azusa”⁹, ocorrido em Los Angeles, entre 1906 e 1915, é um marco inicial. Em um prédio despojado, sem adornos ou púlpito, de formato quadrangular, o pastor afro-americano William J. Seymour conduziu um evento no qual teriam acontecido ocorrências da atuação direta do Espírito Santo, como pessoas falando em línguas (glossolalia),

⁹Os participantes foram criticados pela mídia secular e teólogos cristãos por considerarem o comportamento escandaloso e pouco ortodoxo, especialmente para a época. Hoje, o avivamento é considerado pelos historiadores como principal catalisador para a propagação do pentecostalismo no século XX.

a cura de doenças e a salvação espiritual de indivíduos. Esse estilo das cerimônias fugia do padrão reservado presente em cultos católicos e protestantes tradicionais, visto que o clima era eufórico, barulhento, marcado por gritos, dança e gesticulações.

O início do século XX foi um período de intensa atividade religiosa nos Estados Unidos. O Segundo Grande Despertar¹⁰, que começou no final do século XIX, havia deixado uma marca profunda na sociedade americana, levando a um renascimento espiritual em todo o país. No entanto, uma divisão estava se formando entre os cristãos tradicionais e aqueles que buscavam uma experiência religiosa mais direta e emocional. As reuniões na Rua Azusa atraíam pessoas de diversas origens étnicas e sociais e o que as tornava notáveis era a manifestação do que os participantes acreditavam ser o batismo no Espírito Santo. Os cultos eram caracterizados por manifestações espirituais intensas, incluindo o falar em línguas, curas e uma profunda sensação de presença divina.

O Avivamento da Rua Azusa pode ser expresso por aspectos como: a ênfase na experiência pessoal, que focava na necessidade de uma experiência direta com Deus, em que os crentes podiam receber os dons espirituais, incluindo o dom de falar línguas. Outro ponto fundamental foi o ecumenismo espiritual, pois a Rua Azusa atraiu uma ampla variedade de participantes, independentemente de sua origem étnica ou denominação religiosa, promovendo um espírito de unidade de crença. A partir disso, é possível perceber um funcionamento ideológico que se contrapõe à Igreja Católica, mas também se distingue das vertentes protestantes vigentes nos EUA na época, pois a vertente pentecostal conseguiu crescer em número de adeptos, fortalecendo-se assim, além de contrapor um discurso de acolhimento e respeito que a igreja dominante - católica - no momento não pregava. Ademais, houve o papel significativo das mulheres, já que muitas desempenhavam funções ativas no ministério, incluindo pregação e liderança, o que era incomum para a época.

É, também, fundamental ressaltar o impacto global desse movimento. O discurso do Avivamento da Rua Azusa se espalhou rapidamente para outras partes dos Estados Unidos e do mundo, contribuindo para o crescimento do movimento pentecostal mundial. Essa influência foi duradoura no pentecostalismo, visto que marcou o início do movimento pentecostal moderno, que continuou a crescer e se espalhar, dando origem a diversas denominações pentecostais. O impacto na adoração cristã que o Avivamento da Rua Azusa teve pode ser

10O Segundo Grande Despertar, ocorrido no período compreendido nas décadas de 1790 a 1840, foi a segunda onda de reavivificação religiosa ocorrida nos Estados Unidos da América e consistia na salvação pessoal renovada, que se experimentava em reuniões de reavivamento da fé.

observado em elementos como o louvor emocional, o falar em línguas e a busca por dons espirituais, que foram moldados pela experiência desse movimento.

Logo, esse evento desempenhou um papel importante no desenvolvimento do Pentecostalismo, deixando uma forte marca na espiritualidade cristã. Sua ênfase na experiência direta com o Espírito Santo, o ecumenismo espiritual e a diversidade teológica influenciaram profundamente o movimento pentecostal global. A Rua Azusa continua sendo um marco histórico significativo no estudo da religião e da história dos Estados Unidos, demonstrando o poder da experiência religiosa na formação das crenças e práticas religiosas.

Aliada à ascensão do pentecostalismo, uma nova teologia começou a emergir, sobretudo, nos Estados Unidos, a Teologia da Prosperidade. Essa doutrina, a partir da prática pentecostal, enfatizava a experiência do Espírito Santo e a capacidade de cura, associada à concepção de que Deus realiza milagres, incluindo a prosperidade financeira, oferecendo, então, uma abordagem religiosa para alcançar os objetivos materiais.

Cabe ressaltar que a TP ascendeu em um contexto de progresso tecnológico muito acelerado, no início do século XX, sobretudo nos EUA, com o *american way of life*¹¹. Isso não significou a democratização dos bens de consumo, porém, com a difusão das noções capitalistas, houve o incentivo ao consumismo e o avanço do liberalismo econômico. Aliado a isso, a emergência da TP passou pelas duas grandes guerras mundiais e pela crise de 1929, contexto que fortaleceu ainda mais seus preceitos que demonstram a esperança de um futuro próspero, após a grande crise do capitalismo¹².

A tensão entre a religião e o conhecimento intelectual destaca-se com clareza sempre que o conhecimento racional, empírico, funcionou coerentemente através do desencantamento do mundo e sua transformação num mecanismo causal. A ciência encontra, então, as pretensões do postulado ético de que o mundo é um cosmo ordenado por Deus e, portanto, significativo e eticamente orientado. Em princípio, a visão do mundo, tanto empírica quanto matematicamente orientada, apresenta refutações a qualquer abordagem intelectual que, de alguma forma, exija um “significado” para as ocorrências do mundo interior. Todo aumento do racionalismo na ciência empírica leva a religião, cada vez mais, do reino racional para o irracional; (Weber, 1982, p. 401).

O desencantamento do mundo proposto por Weber pode ser entendido como um olhar mais lúcido para a realidade material, esse proposto pela ciência, mas em momentos históricos de grandes crise, como os eventos citados anteriormente, um olhar mais romantizado,

11O *estilo de vida americano* é um modo de viver passava pelo consumismo, pela padronização social e pela crença nos valores democráticos liberais.

12A Crise de 1929, também conhecida como Grande Depressão, foi uma forte recessão econômica que atingiu o capitalismo internacional no final da década de 1920.

“encantado”, para o mundo parece mais atraente. Novamente, há o funcionamento da ideologia mascarando as relações de classe e a exploração, uma vez que ela oculta as contradições fundamentais e mantém o *status quo*, levando as pessoas a aceitarem as estruturas de poder existentes como naturais e inevitáveis, utilizando a religião como aparato para operacionalizar sua ação, “a religião foi capaz de dar uma espécie de ‘espírito’ ao capitalismo, com justificativas e valores que transcendem a simples lógica material, mas que emanam do próprio Deus” (Figueiredo, 2007, p. 18). Desse modo, o discurso capitalista se alia ao discurso religioso para sedimentar os sentidos evidentes.

Eles operam as bases ideológicas de aceitação e renegação, pois a ideologia representa a relação do sujeito com a língua e por conseguinte, com a história, para que o discurso possa ser significado. A ideologia também forma o sujeito, pois é por meio da interpelação ideológica que o indivíduo se torna sujeito e assim pode inserir-se em uma discursividade.

A partir de então, a TP construiu um imaginário no qual o fracasso financeiro é atribuído à falta de fé do indivíduo, muito mais do que ao contexto social ou econômico. Sendo assim, o pagamento do dízimo passa a ser entendido como expressão da fé dos fiéis, por isso, ganha um espaço central e é apresentado por líderes neopentecostais como caminho principal para esse sucesso. Essa concepção demonstra a quebra de linearidade entre a constituição das igrejas protestantes históricas, encabeçadas por Martinho Lutero, e o movimento neopentecostal. Isso ocorre porque a Reforma Protestante buscou denunciar justamente a venda de indulgências e a associação da interpretação das escrituras somente à igreja. Lutero, em suas 95 teses – mais especificamente na 52 – apontou que: “Vã é a confiança na salvação por meio de cartas de indulgências, mesmo que o comissário ou até mesmo o próprio papa desse sua alma como garantia pelas mesmas.”¹³.

No sentido contrário, a TP promove o afastamento da tendência ascética anteriormente predominante no protestantismo, com uma reinterpretação da escritura sagrada. Aqui, baseado num novo entendimento de versículos, como “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Bíblia, João 10:10). Esta renovação teológica ressignifica a antiga condenação do dinheiro e do lucro em prol de considerar a riqueza e a prosperidade o desejo de Deus para seus servos. Passamos da antiga proibição dos prazeres terrenos para a afirmação do direito do fiel de gozar de aquilo que o poder monetário oferece.

¹³https://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html

A TP explica que qualquer sofrimento que atinja o fiel indica falta de fé. Então, o que representa o cristão bem-sucedido é a plena saúde física, emocional e espiritual, além da prosperidade material. Nesse sentido, o teólogo Harvey Cox afirmou que:

“através da crucificação de Cristo, os cristãos herdaram todas as promessas que Deus fez a Abrão, e estas incluem bem-estar, espiritual e material. O único problema é que os cristãos têm pouca fé para se apropriar do que é deles por direito. O que eles precisam fazer é proclamar isso alto e claro” (Cox,1995. p. 271-272).

O discurso de Cox reforça a culpa do sujeito – individualmente – sobre problemas que são sociais, como o “bem-estar material”. Nesse sentido, pobreza e a fome são associados de modo intrínseco ao fracasso do cristão em pecado, que possui fé insuficiente. Seguindo essa lógica, mazelas como a miséria, o desemprego, a violência, a precarização da saúde e da educação não estão relacionadas a uma questão estrutural de desigualdade social e má distribuição de renda, pois se essas adversidades atingem a vida dos fiéis, é feita uma relação direta com a ausência de fé ou a falta de ofertas¹⁴ à Igreja, perspectiva que será tratada no próximo capítulo do trabalho.

A TP provoca um retorno aos moldes pré-protestantismo, pois a Igreja volta a ser o caminho de intermédio entre o fiel e a divindade e, com isso, instrumento de centralização de poder vinculado ao capital. Novamente, um indicativo de ruptura com discurso do protestantismo clássico, exemplificado acima a partir das teses de Lutero. Logo, a TP é um modelo de negócio encontrado pelas instituições religiosas, as quais se utilizaram da mudança de paradigma constituído pela reforma protestante, mas que a adaptaram visando seu próprio lucro, ao se significarem como lugar de passagem obrigatória, de transição entre a vida plena abençoada pelo divino e a queda nas desgraças do mal. Esse posicionamento vai contra a possibilidade da livre interpretação da Bíblia pelos fieis, pois, mais uma vez, a instituição religiosa mantém a exegese¹⁵, ou seja, pertence aos sacerdotes a interpretação do livro sagrado.

Boltanski e Chiapello (2009) propõem um “novo espírito do capitalismo”. Esse novo espírito considera que a expansão do capitalismo e o incentivo à acumulação e a subordinação do trabalho às demandas de produção precisa de ideologias que justifiquem o engajamento com o capitalismo e que tornem este engajamento atraente.

Em meio à falência causada pelas grandes guerras e ao alto índice de desemprego e de suicídios em massa, o surgimento de uma teologia que versasse sobre a possibilidade de um

¹⁴É a maneira como a Igreja nomeia o dízimo quando é destinado a uma causa específica, como, por exemplo, quando o fiel busca sucesso profissional ou no casamento.

¹⁵‘Exegese’ é uma interpretação ou explicação crítica de um texto, particularmente de um texto religioso.

futuro próspero e que ele aconteceria ainda na vida terrena atraiu muitos fiéis. Naquele momento, a crise no capitalismo e quebra na bolsa de valores representaram condições de produção para a ascensão da TP nos Estados Unidos e também seu desenvolvimento e disseminação para o mundo tão rapidamente. Cabe ressaltar que essas condições possibilitaram a criação de diversas igrejas pentecostais¹⁶, às quais possuíam em comum a batalha espiritual entre os componentes da Santíssima Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo - e o Diabo, o que remonta valores medievais, tais como o confronto direto entre o homem e os demônios, as ditas maldições hereditárias, a posse dos fiéis pelas forças do mal.

A partir do estabelecimento do pentecostalismo, surge uma nova vertente que congrega denominações oriundas do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, presbiteriana, metodistas, etc), o neopentecostalismo – que trataremos de modo mais amplo no segundo capítulo. A veemência ao tratar da figura do demônio e da guerra espiritual pode ser analisada a partir da fala do bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus:

Muita coisa tem sido escrita sobre demônios. Não são poucos os livros em circulação no mercado evangélico que tratam do assunto [...] Não conhecemos, entretanto, um livro com a veracidade, a impetuosidade e a coragem deste que temos a satisfação de prefaciá-lo [...] e poucas pessoas estão tão bem qualificadas para falar desse assunto quanto o bispo Macedo (Macedo, 2000, p. 7)

O discurso apresenta preceitos do Antigo Testamento, como a busca de revelações diretamente feitas por Deus ou pelo Espírito Santo a seus pastores, bispos ou apóstolos. Novamente, a partir do funcionamento discursivo é possível identificar o lugar da instituição religiosa como entreposto que pode proporcionar ao fiel bênçãos de toda e qualquer ordem: financeira, de saúde, emocional. Todo esse esclarecimento e, portanto, capacidade de direcionamento, reforçam a posição da instituição como único caminho possível entre o fiel e a divindade.

Nesse sentido, faz parte do ritual de muitas dessas igrejas “pastores” ou “médiums” operarem “curas milagrosas” para doenças psíquicas ou físicas, chegando mesmo ao ponto de negação da materialidade dos males que afligem os homens e associando-as a influência demoníaca. A ritualização é a marca fundamental do discurso religioso. Durante o rito cria-se um cenário de modo que a imaterialidade do mito é rompida de forma cênica, homem e Deus se misturam.

16 Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular, Assembléia de Deus, Igreja Metodista, etc.

A religião é produtora de discursos, que constituem, por meio da linguagem, um lugar privilegiado de expressão da ideologia. O discurso religioso neopentecostal se consolida a partir de um texto fundador (A Bíblia) o qual lhe dá autoridade, ancorando-se na distinção entre o sagrado e o profano. As religiões pautadas em um texto fundador podem experimentar “confirmações” de sua prática pelo embasamento na escritura sagrada. Nesse sentido, o objetivo do discurso evangélico – neopentecostal – é levar o seu interlocutor a afastar-se do que é tido como profano e aproximar-se do que é considerado sagrado.

O capítulo seguinte tratará dessa perspectiva a partir, especificamente, do desenvolvimento da IURD.

2. CRER: UM INVESTIMENTO

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.”

João 10:10

Este capítulo tem como objetivo aprofundar a compreensão da relação entre a Teologia da Prosperidade (TP) e a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), explorando o fenômeno do neopentecostalismo no Brasil e as bases filosóficas e ideológicas que fundamentam essa corrente religiosa, bem como a luta ideológica estabelecida entre a TP e a Teologia da Libertação (TL). Para isso, utilizaremos conceitos de Análise do Discurso (AD), sobretudo, os de Michel Pêcheux e de Eni Orlandi, com foco nos elementos de *arquivo*, *memória* e *interdiscurso*.

“O prefixo neo mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo” (Mariano, 2005, p. 33). Nesse momento, após tratarmos das condições de produção que propiciaram o desenvolvimento da TP, para dar sequência a esse estudo, é fundamental compreender como a TP e o neopentecostalismo se conectam e, sobretudo, como essa relação se estabeleceu no Brasil. O neopentecostalismo é a:

denominação utilizada para designar a última fase pentecostal, compõe o segmento que expressa emblematicamente a adaptação do paradigma pentecostal ao capitalismo tardio, respondendo, paradoxalmente, às suas promessas falidas e adotando seus valores e estratégias culturais constituídas pelo primado do estético. A lógica da experiência estética estrutura o mercado religioso neopentecostal na medida em que a experiência subjetiva emocional é o ponto de partida e o eixo dos discursos, da interpretação dos textos bíblicos, dos cultos e da espiritualidade dos grupos. O “sentir-se salvo”, ou “experimentar o Espírito”, experiências previamente descritas por tipos específicos de sensações, marcam a passagem dos fiéis para o grupo neopentecostal, conduzem, até certo ponto, o roteiro das liturgias, sustentam a participação das assembleias e definem até mesmo a ação do Espírito Santo e do espírito maligno. (Passos, 2005, p. 55 e 56).

Passos (2005) descreve como a última fase pentecostal, representada pelo neopentecostalismo, adapta-se ao capitalismo tardio, adotando suas estratégias culturais e valores, especialmente priorizando o estético como um elemento fundamental. Sob essa ótica, a IURD, um dos maiores expoentes do neopentecostalismo no país, é conhecida por uma abordagem visualmente impressionante em seus cultos e eventos. Os templos são geralmente decorados de forma extravagante, com iluminação dramática, música vibrante e vídeos emocionais que visam estimular as sensações dos fiéis. Estratégias estéticas também são empregadas nos programas de

televisão e nas campanhas evangelísticas da IURD, utilizando elementos visuais e sonoros para atrair a atenção e criar uma atmosfera de intensidade emocional.

A ênfase na experiência emocional é uma característica central do discurso da IURD. Os fiéis são incentivados a buscar uma experiência pessoal e emocional com o divino, muitas vezes descrita como sentir a presença do Espírito Santo ou experimentar milagres e curas. Essa lógica da experiência é alimentada por narrativas de testemunhos emocionais de transformação e sucesso financeiro, que são usados como prova da intervenção divina na vida dos fiéis.

No discurso da IURD, o divino e o demoníaco são representados como forças ativas que influenciam diretamente a vida das pessoas. O Espírito Santo é retratado como aquele que traz bênçãos e transformação, enquanto os espíritos malignos são vistos como responsáveis pelos problemas e dificuldades enfrentados pelos fiéis. As práticas de exorcismo e libertação são comuns na IURD, momento em que os líderes espirituais afirmam expulsar demônios e influências malignas das vidas dos fiéis, promovendo assim a libertação espiritual e o bem-estar emocional.

A IURD utiliza estratégias estéticas para criar uma atmosfera emocionalmente intensa que enfatiza a experiência pessoal com o divino, ao mesmo tempo em que representa o funcionamento do divino e do demoníaco como forças ativas na vida dos fiéis, reforçando assim sua autoridade e legitimidade como instituição religiosa.

Sob essa perspectiva, vamos abordar a ascensão do pentecostalismo e do neopentecostalismo no Brasil, destacando-se a IURD, essa conjuntura compõe um processo complexo e multifacetado que se desenrola ao longo de várias décadas, influenciado por fatores históricos, sociais e religiosos. Para tratar desses fatores, cabe mobilizar o conceito de arquivo, o qual refere-se a um “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão” (Pêcheux, 1994, p. 57). Neste sentido, o arquivo está relacionado às possibilidades de leitura, que apontam para diferentes formas produção de efeitos de sentido em relação aos documentos pertencentes ao referido arquivo. Isso traz à luz o “trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (Pêcheux, 1994, p. 57), a reunião de textos que materializam o que é possível dizer – na história – acerca do objeto discursivo.

Por meio desta relação, é possível, diante do conjunto de documentos selecionados, como os recortes discursivos retirados do portal Gazeta do Povo e do jornal Folha Universal – nosso *corpus* de análise. Também utilizamos como componente do arquivo de pesquisa o livro do sociólogo Ricardo Marino, *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil* (1999), o qual aborda a ruptura com o ascetismo contracultural e a gradativa adaptação dessas

denominações à sociedade e à cultura de consumo. Essas mudanças foram substanciais e apresentam caráter secularizante, cujos efeitos culminam na valorização da vida terrena em detrimento da busca pela salvação. Ademais, utilizamos algumas teses de Lutero para compreender rupturas e continuidades do discurso protestante clássico e a dissidência pentecostal. Outro texto fundamental para nossa pesquisa foi a Bíblia, sobretudo, versículos do Velho Testamento.

Nesse mote, é necessário analisar a discursividade que constitui o arquivo organizado em relação à temática da pesquisa. O “arquivo inscreve traços do acontecimento a partir de uma concepção específica de historicidade, que nega tanto a teleologia quanto a causalidade linear” (Filho, 2016, p. 23). Tal concepção evoca modos de articulação sempre equívocos e contraditórios no âmbito histórico e no âmbito linguístico. Desse modo, “o material de arquivo está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de ‘comprovação’, onde se suporia uma interpretação unívoca”. (Nunes 2007, p. 374). Com isso, ao tomar cada gesto de análise como único e tornando-o inesgotável na medida em que todo gesto configura um novo tratamento ao arquivo, de modo a produzir diferentes efeitos de sentido.

O pentecostalismo chegou ao Brasil no início do século XX, trazido principalmente por missionários estrangeiros. O marco inicial desse movimento pentecostal foi a chegada da Missão Assembleia de Deus em Belém, Pará, em 1910. Os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que viviam nos EUA sob influência do crescente pentecostalismo, são creditados como os fundadores da Assembleia de Deus no Brasil. Esses missionários foram amplamente influenciados pelo Avivamento da Rua Azusa, já tratado no capítulo anterior.

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, o pentecostalismo cresceu em várias partes do Brasil, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. Novas denominações pentecostais surgiram, como a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Congregacional Pentecostal. O pentecostalismo ganhou adeptos em diferentes estratos sociais, mas foi particularmente atrativo para as classes mais desfavorecidas. Muitos fiéis viam na religião pentecostal uma esperança de mudança de vida e solução para problemas materiais.

A partir da promessa de transformação pessoal, especialmente para aqueles que enfrentam adversidades significativas em suas vidas, as instituições criam uma comunidade de fiéis que compartilham valores, crenças e experiências semelhantes. Isso constrói um senso de identidade e pertencimento para pessoas que se sentem marginalizadas ou desenraizadas em suas comunidades. Dessa forma, as estratégias discursivas apelam às emoções e à espiritualidade dos fiéis, oferecendo conforto, esperança e uma sensação de propósito na vida. Para aqueles

que enfrentam dificuldades econômicas, emocionais ou sociais, esse tipo de apoio emocional é atrativo. Soma-se a isso a desigualdade social no Brasil, visto que muitos fiéis encontram esperança de mudança de vida nesse discurso. E isso em um cenário como o brasileiro pode ser muito significativo, pois, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2021, a taxa de desemprego no Brasil atingiu 14,1%, atingindo especialmente as camadas mais pobres da população. Além disso, a renda *per capita* média no país é significativamente mais baixa do que em muitos países desenvolvidos, o que contribui para a vulnerabilidade econômica de muitas pessoas.

Diante desse cenário de desigualdade social, o discurso religioso pode oferecer uma saída para muitos fiéis, prometendo não apenas consolo espiritual, mas também esperança de melhoria material e social. Ao enfatizar uma visão positiva da fé e a bênção divina, é construída uma narrativa que ressoa com aqueles que lutam para superar as barreiras impostas pela desigualdade econômica e social. Assim, a desigualdade social no Brasil serve como um terreno fértil para o crescimento e a influência desse discurso, fornecendo uma explicação para a sua atratividade entre aqueles que buscam mudanças significativas em suas vidas.

Nas décadas de 1950 e 1960, o pentecostalismo brasileiro começou a se fragmentar e a diversificar teologicamente. Nesse contexto, ocorreu uma mudança crucial para a expansão das Igrejas evangélicas na América; surge nos Estados Unidos um fenômeno denominado neopentecostalismo. Diferentemente do pentecostalismo tradicional, o neopentecostalismo incorporou novos elementos, como a TP. Ele utilizou elementos do pentecostalismo, a exemplo da ênfase na experiência direta do Espírito Santo, manifestada por meio de dons espirituais, como falar em línguas e curas divinas. No entanto, se distingue por adotar uma abordagem mais contemporânea e pragmática da fé, na qual a religião é vista como um meio para alcançar resultados materiais e prosperidade. O Neopentecostalismo se distingue do Pentecostalismo clássico, sobretudo, devido a sua ênfase no mundo terreno, em contraponto à devoção à volta de Cristo e a vida pós-morte, referentes ao pentecostal tradicional.

Sob essa perspectiva, surgem novas oportunidades para os fiéis: “a possibilidade de cura não só para o corpo e para a alma, mas para a vida do fiel como um todo. Para isso ele deve reivindicar seus direitos sobre as promessas divinas, através da chamada Teologia da Prosperidade (TP)” (Figueiredo, 2007, p. 28).

A partir da caracterização da TP como um discurso religioso, aquele que trata da vontade de Deus, há um desnivelamento na relação entre enunciador e o ouvinte: o enunciador, teoricamente, é do plano celestial (o Sujeito, Deus) e o ouvinte é do plano terreno (os sujeitos, os homens). Isto é, enunciador e ouvinte pertencem a duas ordens de mundo totalmente

diferentes e afetadas por um valor hierárquico em sua relação: o plano celestial domina o terreno. Mas há um entreposto para que essa comunicação seja efetivamente estabelecida: esse entreposto é a instituição religiosa, que detém o caminho para que o fiel compreenda as demandas do divino; desse modo, o controle ideológico do discurso se estabelece, pois, se quem fala é Deus, de acordo com a crença, imortal, eterno, infalível, infinito e todo-poderoso, os ouvintes devem obedecê-lo e, para compreender suas demandas, a igreja é fundamental.

Essa conjuntura favoreceu a disseminação do discurso neopentecostal no Brasil e em 1977 é fundada a IURD, que foi a primeira no país direcionada aos ideais neopentecostais. Ela foi inaugurada no Rio de Janeiro, por Edir Macedo de Bezerra, seu cunhado Romildo Ribeiro Soares e Roberto Augusto Lopes. Mas, conforme aponta Catunda (2016), sua tese doutoral “Discurso, Cognição e Sociedade: O Discurso religioso na Igreja Universal do Reino de Deus”, em 1980, Soares se desvinculou da Igreja Universal do Reino de Deus e fundou seu próprio templo, denominado Igreja Internacional da Graça de Deus. Edir Macedo queria expandir o ministério para os Estados Unidos, já Soares visava expandir, inicialmente, no Brasil. Macedo ministrava libertação e prosperidade, enquanto Soares ministrava cura e evangelização. Com esses desentendimentos, R.R. Soares e Edir Macedo romperam e seguem até os dias atuais em suas respectivas instituições religiosas.

A corrente teológica adotada pela IURD propõe que é “direito do fiel a tomar posse da sua “herança” na terra, ou seja, dos bens, da prosperidade e da felicidade aos quais ele tem direito por ser filho de Deus e membro da Igreja do Senhor” (Figueiredo, 2007, p. 28). Dessa forma há um deslocamento, pois Deus deixa de ocupar o centro da vida do fiel. Esse papel é ocupado pelo próprio fiel, que passa a ser então protagonista da sua vida e busca desfrutar de bens materiais na vida terrena. A presença da divindade passa a se materializar na vida temporal, nas conquistas, no enriquecimento, portanto, o bem estar do fiel é a presunção da presença divina na sua vida.

Essa mudança paradigmática no entendimento da fé e da relação com o divino se reflete na centralidade atribuída ao bem-estar material e à prosperidade financeira. Nesse mote, a AD considera que os discursos não apenas refletem a realidade, mas também a constroem, desse modo, no discurso neopentecostal, o fiel é constantemente construído como um sujeito que busca a realização pessoal e material como parte de sua identidade espiritual. Através da linguagem, o fiel é incentivado a ver sua fé como um meio de alcançar sucesso e prosperidade, o que molda sua identidade e visão de mundo. Isso se dá, uma vez que o discurso não é apenas uma manifestação verbal, mas uma prática social que reflete e perpetua relações de poder e ideologias dominantes.

No caso do discurso neopentecostal, há uma valorização do sucesso material como prova da bênção divina e da fé genuína. Isso cria uma dinâmica em que os fiéis são incentivados a buscar não apenas a salvação espiritual, mas também a prosperidade financeira como uma demonstração tangível de sua relação com Deus. Sendo assim, a TP é promovida como parte fundamental da fé, com a significação de que Deus deseja que seus seguidores sejam bem-sucedidos materialmente. Essa teologia se torna hegemônica dentro da comunidade religiosa, moldando as crenças e práticas dos fiéis.

A figura de Deus é muitas vezes transmutada para representar não apenas uma entidade espiritual distante, mas também um provedor de bênçãos materiais e sucesso terreno. Isso ocorre através da reinterpretação de passagens bíblicas e da ênfase em narrativas de testemunhos de sucesso financeiro entre os fiéis. Portanto, no discurso neopentecostal, a centralidade do fiel e seu bem-estar material como foco da fé reflete uma construção social e ideológica complexa, onde a figura de Deus é reinterpretada para legitimar a busca pela prosperidade financeira como parte integral da experiência religiosa. Portanto, no discurso neopentecostal, a centralidade do fiel e seu bem-estar material como foco da fé refletem uma construção social e ideológica complexa, na qual a figura de Deus é reinterpretada para legitimar a busca pela prosperidade financeira como parte integral da experiência religiosa. Dessa forma, a IURD:

Ignora o ecumenismo; faz oposição ferrenha aos cultos e tradições afrodescendentes, indígenas e católicas; usa intensamente a mídia; organiza-se na linha empresarial (metas, clientela, ofertas, lucro, dinheiro); faz militância político-partidária; utiliza técnicas de marketing; tem forte crença no poder da palavra e também da mente humana; possui uma postura ritualística agressiva, inculcando uma ‘guerra santa ou espiritual’; flexibiliza os comportamentos, usos e costumes; enfatiza a Teologia da Prosperidade; e, possui forte liderança centralizada. (Ferrari, p. 86 e 87, 2007)

Tal posicionamento pode ser analisado a partir da concepção da vida em abundância defendida pela IURD na página inicial de seu site¹⁷:

REC 1: “Todos os que servem a Deus têm o direito a uma vida abundante. É o que o Senhor Jesus afirma no livro de João 10.10: ‘...Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.’” (Universal, 2023).

Ao selecionar esse versículo bíblico para a publicação em seu site, a IURD opera o funcionamento discursivo da TP, a ênfase recai na interpretação da frase, associando-a diretamente à riqueza material e a uma vida próspera. Nessa perspectiva, ter *vida em abundância*

¹⁷<https://www.universal.org/a-universal/home-a-universal/>

pode ser entendido como ter prosperidade financeira, saúde física e sucesso em todas as áreas da vida. Essa análise da passagem bíblica promove uma visão individualista da fé, na qual a prosperidade é vista como um sinal da recompensa divina para aqueles que têm fé suficiente. Isso implica uma ideia de mérito, na qual o sucesso material é considerado a recompensa pelos esforços individuais e pela fé pessoal.

Desse modo, ao promover a ideia de que a prosperidade material é uma consequência direta da fé em Deus, a TP tende a naturalizar e justificar as desigualdades sociais e econômicas. Em consequência, aqueles que não desfrutam de sucesso material podem ser vistos como insuficientes na fé ou como merecedores de sua própria falta de prosperidade. Nessa abordagem, a religião é frequentemente instrumentalizada e entendida como um meio para alcançar anseios materiais e pessoais. A fé é vista como uma ferramenta para obter prosperidade, em vez de uma fonte de transformação espiritual e compromisso com a justiça social.

Sob essa ótica, é possível discutir o conceito de “atomismo burguês” desenvolvido por György Lukács (2018), renomado filósofo marxista do século XX. O termo “atomismo burguês”¹⁸ descreve uma visão de mundo característica do capitalismo, na qual os indivíduos são concebidos como átomos isolados, independentes e autônomos. Nessa perspectiva, as relações sociais são reduzidas a interações entre indivíduos que buscam maximizar seu próprio interesse. A TP, ao enfatizar a busca individual pela riqueza material e pelo sucesso pessoal como expressão da bênção divina, reflete elementos do atomismo burguês. Nessa interpretação, a relação com Deus é frequentemente concebida de forma individualizada, centrada na obtenção de bênçãos materiais para o benefício pessoal.

A ênfase na prosperidade individual na TP pode promover uma mentalidade de competição e individualismo, características do atomismo burguês. Os fiéis são incentivados a buscar sua própria prosperidade, muitas vezes em detrimento da solidariedade e da cooperação comunitária. Assim como no atomismo burguês, a TP naturaliza as desigualdades sociais e econômicas, atribuindo o sucesso material à fé e ao mérito individual. Isso pode levar à justificação das disparidades de riqueza e à minimização do papel das estruturas sociais na determinação do bem-estar das pessoas, o que contribui para a alienação e a fragmentação das relações sociais.

18 O conceito de "atomismo burguês" é tratado por György Lukács em sua obra intitulada "História e Consciência de Classe" ("Geschichte und Klassenbewusstsein"), publicada originalmente em 1923. Neste livro, Lukács examina as bases filosóficas e sociais do pensamento burguês e discute como o atomismo burguês influencia a percepção da realidade e das relações sociais na sociedade capitalista.

Ao enfatizar a busca individual pelo sucesso material, essa abordagem pode desvalorizar o papel das relações comunitárias e espirituais na construção de uma sociedade mais justa e solidária. Logo, é possível identificar como essa teologia reflete e reproduz ideias e valores associados ao capitalismo, contribuindo para a perpetuação de estruturas sociais desiguais e alienantes.

Sob esse prisma, Harvey Cox (2015), em seu livro *A Cidade Secular: Secularização e Urbanização nas Sociedades Teológicas*, argumenta que o modelo de igreja adotado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) é aquele que mais cresce na América Latina devido à sua adaptação eficaz aos contextos urbanos e às necessidades das populações marginalizadas. Para ele, a instituição promete a seus membros que, se contribuírem generosamente, receberão não apenas salvação e saúde, mas riqueza, não em um paraíso metafísico, mas na vida terrena. Aliado a essa concepção, “o cristão deve [...] colocar a sua fé em ação e se tornar um sócio de Deus. Isso é feito quando o adorador se compromete a ‘devolver’ aquilo que é de Deus, ou seja o dízimo.” (Campos 1997, p. 325). Assim, a IURD opera adaptando suas mensagens e práticas para atender às necessidades e aspirações das populações marginalizadas, prometendo não apenas uma mensagem teológica, mas também riqueza e prosperidade material na vida terrena dos fieis, em troca de contribuições generosas. Nesse cenário, é a própria igreja que enriquece, beneficiando-se financeiramente das doações e contribuições de seus membros, o que sustenta suas operações e sua expansão por meio desses recursos.

Essas práticas sociais são incorporadas ao discurso da igreja, reforçando a significação de que a participação na vida da igreja pode trazer benefícios tangíveis para a vida das pessoas, incluindo melhoria econômica e prosperidade material. A IURD exerce poder discursivo ao oferecer uma narrativa convincente que promete transformação pessoal e social por meio da participação na igreja e da aplicação de seus ensinamentos na vida cotidiana. Essa promessa de poder transformador atrai uma grande base de seguidores, especialmente nas áreas em que as condições socioeconômicas são mais desafiadoras, o que contribui para o crescimento rápido da igreja na América Latina.

A TP promove essa noção associando a ocorrência de bênçãos financeiras àqueles que demonstram fé e generosidade. Isso cria uma relação intrínseca entre o discurso religioso e a formação econômica capitalista, o que pode ser analisado por meio das palavras da própria instituição em seu site: “A Universal também crê que os dízimos e as ofertas são tão sagrados quanto a Palavra de Deus. Os dízimos significam fidelidade, e as ofertas, o amor do servo para

com o seu Senhor”. (Universal, 2023).¹⁹ Althusser (1980), partir do conceito de interpelação, descreve como os indivíduos são "chamados" para se identificar com determinadas ideologias e papéis sociais. Na citação, a IURD interpela seus seguidores como "servos" que expressam sua devoção através da contribuição financeira.

Ao se referir aos dízimos como um sinal de "fidelidade" e as ofertas como uma expressão de "amor", a instituição está interpelando os fiéis para que se identifiquem com esses papéis e acreditem na importância dessas práticas para sua relação com Deus. Desse modo, a classe dominante não apenas impõe sua ideologia pela força, mas também pela persuasão, de modo que os dominados internalizem e naturalizem as relações de poder existentes. No caso da IURD, a TP é apresentada como uma verdade inquestionável e uma via para o sucesso material e espiritual. Ao associar os dízimos e as ofertas à fidelidade e ao amor divino, a instituição busca estabelecer sua hegemonia sobre os fiéis, garantindo sua obediência e sustentando sua autoridade.

A análise dessa interconexão ajuda a contextualizar a TP na IURD dentro do panorama mais amplo das teorias sobre a relação entre religião e economia:

A Teologia da Prosperidade ocasionou uma forte mudança na visão pentecostal nacional e, até mesmo, correndo o risco de ser demais genérica na visão cristã. O além, vida e salvação após a morte são atraídos e desejados no aquém. Vida após a morte significa, na Teologia da Prosperidade e Saúde, vida terrena, deixando de lado a vida de cruz proposta pelos primeiros pentecostais. O ascetismo (negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo) inverteu-se, enfatizando-se agora o usufruir destas coisas neste mundo, como parte integrante do Cristianismo. (Bitun, 2007, p. 142)

Nesse viés, a TP propõe que os “verdadeiros fiéis têm o direito de “exigir” de Deus bênçãos e bens materiais e que a vida deve ser desfrutada imediatamente e com abundância” (Figueiredo, 2007, p. 30). Desse modo, os únicos compromissos que o crente necessita assumir para isso são a fé e o pagamento regular de dízimos e contribuições à IURD, cujo número de coletas chega a ser três por culto. Então, “o cristão deve [...] colocar a sua fé em ação e se tornar um sócio de Deus” (Campos, 1997, p. 325). Sendo assim, a:

Teologia da Prosperidade valoriza a fé em Deus como meio primordial de obter felicidade, saúde física, riqueza e poder terrenos. Em vez de glorificar o sofrimento, tema caro ao cristianismo, enaltece o bem-estar do cristão neste mundo. Este bem-estar não será alcançado através da luta coletiva e política (Mariano, 1996, p. 32).

¹⁹<https://www.universal.org/a-universal/home-a-universal/>

O bem-estar será alcançado através do ato de contribuir financeiramente para a igreja, como uma demonstração de fé e obediência. Os fiéis são incentivados a acreditar que ao contribuírem com o dízimo, estarão plantando uma semente de prosperidade que será colhida em forma de bênçãos materiais. Por conseguinte, o adorador se compromete a ‘devolver’ aquilo que é de Deus, ou seja, o dízimo. A IURD apela para as necessidades e faltas do mundo real de seus fiéis – em detrimento de demandas espirituais, como a salvação -, no qual o sucesso é medido, majoritariamente, pela abundância e pelo consumo, assim, “pecado e graça são definidos, respectivamente, por pobreza e riqueza”. (Garrad-Burnett, p. 179, 2011).

Para compreender como esse fenômeno foi disseminado no Brasil, é necessário considerar os altos níveis de desigualdade social do país²⁰. Desse modo, com uma distribuição de renda díspar, muitos brasileiros vivem em condições precárias, com acesso limitado a serviços básicos e oportunidades econômicas.

Os empreendimentos construídos a partir da intensificação da disseminação da TP encontraram solidez na dinâmica de reforma dos mercados, aproveitando o contexto de aprofundamento das desigualdades sociais para arrastar rebanhos, compelindo agrupamentos sociais a entrarem no crivo da doação financeira em troca de prosperidade econômica e bem-estar. (Lemos, p. 84, 2017)

Sob essa ótica, o neopentecostalismo no Brasil se estabeleceu como uma força religiosa significativa, especialmente entre as camadas mais vulneráveis da população, nas quais as desigualdades sociais são mais agudas. Nesse cenário, as dificuldades econômicas, o abuso e a miséria tornam-se combustíveis para a busca de soluções imediatas e aparentemente milagrosas para os problemas enfrentados. A TP capitaliza essas circunstâncias ao oferecer uma narrativa de esperança e promessa de prosperidade material em troca de contribuições financeiras. Em um contexto de desigualdades sociais acentuadas, no qual muitos enfrentam dificuldades para garantir sua subsistência básica, a perspectiva de uma transformação rápida e tangível em suas vidas se torna particularmente sedutora. Sendo assim, a popularização dessa vertente religiosa está intimamente associada à perpetuação das desigualdades sociais, uma vez que essa abordagem não apenas capitaliza, mas também reforça a lógica do individualismo e do sucesso material como medida de virtude espiritual.

Dessa forma, em vez de enfrentar as estruturas socioeconômicas que contribuem para as desigualdades, essa corrente religiosa oferece uma fuga aparente, promovendo uma visão de

²⁰Conforme o Núcleo de Inteligência Social (NIS), um quarto da população brasileira, 52,7 milhões de pessoas, vive em situação de pobreza ou extrema pobreza, dados em <https://nis.org.br/>

prosperidade pessoal como solução para problemas sistêmicos. Com isso, contribui para a manutenção das desigualdades sociais, ao canalizar as esperanças e recursos das camadas mais vulneráveis da população para uma busca individualista por soluções mágicas e imediatas. Essa dinâmica ilustra a interseção entre religião, desigualdade e poder.

Por conseguinte, a busca por uma solução rápida e aparentemente fácil para problemas complexos e arraigados leva os fiéis a se tornarem instrumentos de sua própria exploração. A promessa de prosperidade econômica em troca de doações financeiras funciona como uma armadilha que aprisiona os membros da igreja em um ciclo de dependência e ilusão.

Esse processo é viabilizado uma vez que a desigualdade social cria um ambiente no qual a busca por melhorias financeiras é uma preocupação constante. Nesse sentido, a TP se apresenta como uma resposta a essa preocupação, prometendo que a fé, o compromisso religioso e as doações financeiras para a igreja podem levar à melhoria da situação financeira dos fiéis.

A IURD insere o bem-estar material no discurso que ela dissemina pelos meios de comunicação de massa e utiliza a TP como seu marketing a fim de atrair mais fiéis. “Os aspectos que mais têm chamado a atenção dos meios de comunicação social são, de um lado, a organização e o poder que vai acumulando e, de outro, o primarismo da mensagem e o caráter mercantil da pregação.” (Oliva, 1997, p. 14). Para exemplificar a magnitude do monopólio midiático do qual a IURD dispõe, cabe ressaltar que Edir Macedo, líder máximo da instituição, é dono da TV Record, programas na Rede Mulher, Rede Família, o jornal Folha Universal e o portal online Arca Universal; assim como espaços em diversas rádios cariocas e paulistas, além de seu livro *O Bispo: A História Revelada de Edir Macedo*, escrito por Douglas Tavolaro e publicado pela Editora Larousse Brasil, em 2007.

Dessa forma, a IURD conta “com um conjunto de procedimentos altamente comprometido com o desenvolvimento da sociedade de consumo. Nesse sentido, a mídia torna-se um aparato indispensável para atingir o maior contingente possível de seguidores” (Lemos, 2017, p. 83). Com isso, a instituição religiosa consegue expandir o alcance do seu discurso e transcende o campo religioso, passando a dominar outros âmbitos, como a política.

Assim, “tornou-se consensual a constatação de que o crescimento dos pentecostais não ocorreu apenas no número de adeptos, mas também através de uma proliferação institucional” (Giumbelli, 2012, p. 300). A exemplo disso, é possível citar o mandato do prefeito do Rio de Janeiro, durante o período de 2017 a 2021, Marcelo Crivella, bispo licenciado da Universal e sobrinho de Edir Macedo. Crivella esteve à frente da segunda cidade com maior PIB do país. Ademais, conforme o portal “Poder 360” divulgou em janeiro de 2024, a Frente Parlamentar

Evangélica do Congresso Nacional atualmente tem 228 integrantes: 202 deputados federais e 26 senadores.²¹

Nesse aspecto, sobre a IURD “os enfoques variam, analisando seja as suas características eclesiais, seja o seu dinamismo empresarial e sua prática julgada exploradora da boa fé do povo, ou a sua influência alienante na vida de seus afiliados e a sua presença atuante na política”. (Oliva, 1997, p. 14). Principalmente sobre esse último aspecto, a presença da IURD na política²² contribui para o reforço de sua significação, legitimando sua perspectiva religiosa como forma de engajamento político e social, o que dificulta a crítica e o questionamento desse discurso, por conseguinte, contribuindo com as desigualdades sociais e econômicas.

Em São Paulo, por exemplo, o vereador André Santos foi o décimo candidato mais votado, com 41.584 votos – ele foi o líder de votos do Republicanos na capital paulista. André, antes de tomar posse do seu primeiro mandato em 2017, era bispo da Igreja Universal. O mesmo aconteceu no Rio de Janeiro, onde o bispo Inaldo Silva teve 21 mil votos e foi o 12º mais votado.

A presença de líderes religiosos da IURD ocupando cargos políticos importantes contribui para a legitimação do discurso da TP na esfera pública. O fato desses representantes serem eleitos democraticamente confere uma aura de credibilidade e autoridade ao discurso religioso por eles propagado, pois ao ocupar cargos políticos, os líderes da IURD ganham – ainda mais – visibilidade e acesso aos meios de comunicação, o que lhes permite amplificar a significação da TP. Eles podem utilizar sua posição política para promover discursos que enfatizam a importância da fé, da contribuição financeira para a igreja e da busca por prosperidade material como parte da jornada espiritual.

Então, líderes religiosos vinculados à IURD que ocupam cargos políticos têm a oportunidade de influenciar diretamente as políticas públicas e legislações, promovendo agendas que estejam alinhadas com os princípios da TP. Isso pode incluir medidas que favoreçam o fortalecimento das instituições religiosas, isenções fiscais para igrejas, bem como políticas que valorizem o empreendedorismo e a livre iniciativa como caminhos para o progresso econômico. A ascensão de representantes da IURD ao poder político cria um ciclo que se retroalimenta entre a esfera religiosa e a esfera política, no qual o poder político proporciona recursos e influência

21 [https://www.poder360.com.br/congresso/saiba-quem-comanda-e-quem-integra-a-bancada-evangelica-no-congresso/#:~:text=A%20Frente%20Parlamentar%20Evang%C3%A9lica%20do,Lula%20da%20Silva%20\(PT\).](https://www.poder360.com.br/congresso/saiba-quem-comanda-e-quem-integra-a-bancada-evangelica-no-congresso/#:~:text=A%20Frente%20Parlamentar%20Evang%C3%A9lica%20do,Lula%20da%20Silva%20(PT).)

22 As igrejas Assembleia de Deus, Batista e Universal do Reino de Deus (IURD) são as denominações com maior representatividade entre os deputados federais evangélicos empossados para a atual Legislatura (2023-2027), na Câmara dos Deputados. Elas reúnem 58% dos 93 parlamentares vinculados a igrejas evangélicas, segundo levantamento da Agência Pública, realizado a partir do monitoramento de candidaturas com identidade religiosa, do Instituto de Estudos da Religião (Iser) <https://www.cartacapital.com.br/politica/as-igrejas-que-dominam-a-nova-ala-evangelica-na-camara/>.

que podem ser utilizados para fortalecer a posição da igreja na sociedade, enquanto a significação da TP justifica e legitima a busca pelo poder político como parte do propósito divino de prosperidade e sucesso.

Nesse sentido, a partir do funcionamento discursivo da TP, ser próspero e alcançar posições sociais significativas se torna o objetivo que a IURD propõe aos fiéis. Sobre essa temática, analisaremos o recorte discursivo abaixo, retirado do periódico “Folha Universal”, publicado em 25 de setembro:

REC 2: A quantidade de pessoas que está vivendo dificuldades financeiras é enorme. A solução para os problemas delas pode ser mais simples do que imaginam: fazer um elo com Deus. É Ele quem pode inspirar e até despertar dons que vão auxiliá-la em sua jornada profissional e empreendedora (Folha Universal, 2022).

O recorte inicia destacando a grande quantidade de pessoas enfrentando dificuldades financeiras, o que evoca um sentimento de identificação com o público-alvo. Em seguida, propõe que a solução para esses problemas é "mais simples do que imaginam", o que cria uma expectativa de facilidade e eficácia na resolução dos problemas financeiros dos leitores. Então, é enfatizada a importância de estabelecer um "elo com Deus" como forma de superar as dificuldades financeiras. Essa ideia está alinhada com a TP, que enfatiza a fé como um meio de alcançar bênçãos materiais e sucesso financeiro, porque atribui a Deus o poder de inspirar e despertar dons para auxiliar na jornada profissional e empreendedora. O texto reforça a ideia de que a intervenção divina é fundamental para a prosperidade material. Isso está em consonância com a ênfase da TP no mérito pessoal, sugerindo que aqueles que se esforçam e mantêm uma relação próxima com Deus serão recompensados com prosperidade financeira.

Essa significação é veiculada mediante estratégias discursivas que apelam para a identificação emocional e enfatizam o papel de Deus na vida financeira dos indivíduos, pois o discurso constrói um cenário no qual a solução para os problemas financeiros está intrinsecamente ligada à relação com Deus. Ao afirmar que "fazer um elo com Deus" pode resolver as dificuldades financeiras, o discurso promove a ideia de que a intervenção divina é a chave para o sucesso material. Nesse sentido, naturaliza a religião como uma solução para os problemas financeiros, sugerindo que a intervenção divina pode inspirar e despertar dons que auxiliarão na jornada profissional e empreendedora.

Essa associação entre religião e sucesso material é uma característica central da TP, que promove a ideia de que a fé pode levar à prosperidade financeira. Ao destacar a quantidade de pessoas vivendo dificuldades financeiras, o discurso explora a vulnerabilidade dessas pessoas,

sugerindo que a religião oferece uma solução rápida e eficaz para seus problemas. Isso pode criar uma dinâmica em que os fiéis se sintam compelidos a buscar soluções religiosas para questões financeiras, aumentando a dependência em relação à igreja.

O discurso reforça a autoridade da instituição religiosa ao afirmar que é Deus quem pode inspirar e despertar dons para ajudar nas questões financeiras. Isso fortalece a posição da igreja como intermediária entre os fiéis e Deus, conferindo-lhe um papel central na vida e nas decisões financeiras dos indivíduos. Portanto, esse recorte discursivo ilustra como a TP associa a religião à solução para os problemas financeiros, construindo uma subjetividade em que a fé é vista como uma ferramenta para alcançar o sucesso material. Essa abordagem não apenas explora a vulnerabilidade financeira dos fiéis, mas também reforça a autoridade da instituição religiosa na esfera financeira. Sob essa perspectiva:

[...] poderíamos dizer que o neopentecostalismo constitui, ou institui, igrejas mágicas'. [...] uma observação mais atenta mostra que essas igrejas não constituem comunidades de crentes comprometidos com a koinonia cristã. Estão sempre cheias, mas de clientes que buscam solução mágica para os problemas do cotidiano e que estão sempre em trânsito, na maioria das vezes mantendo sua identidade religiosa tradicional. Não são, portanto, 22 Igrejas, mas clientelas de bens de religião obtidos magicamente (Mendonça, 2008, p. 139).

A expressão “igrejas mágicas” sugere que o neopentecostalismo promove uma abordagem religiosa que enfatiza soluções mágicas ou miraculosas para os problemas cotidianos. Isso implica que as igrejas neopentecostais se concentram mais na oferta de soluções imediatas e sobrenaturais do que no ensino de princípios teológicos tradicionais. Mendonça (2008) propõe que tais instituições não constituem verdadeiras comunidades de crentes comprometidos com a koinonia cristã²³, ou seja, com a comunhão e a vida em comum baseadas nos princípios do cristianismo. Em vez disso, elas são frequentadas por "clientes" em busca de soluções mágicas para seus problemas, que muitas vezes mantêm sua identidade religiosa tradicional.

O autor propõe que as igrejas neopentecostais estão sempre cheias, mas não necessariamente de membros comprometidos com a fé neopentecostal. Em vez disso, estão cheias de "clientes" em trânsito, que buscam soluções rápidas e mágicas para seus problemas cotidianos, sem necessariamente se converterem à fé. Isso traz a noção de que a religiosidade nas igrejas

²³ Koinonia (do grego κοινωνία) significa comunhão. O termo é utilizado no cristianismo com o significado de participação, companheirismo, comunicação, ter em comum, compartilhar e conceitos semelhantes.

neopentecostais é mais focada na obtenção de benefícios materiais ou soluções miraculosas do que na construção de uma comunidade de fé comprometida.

Sendo assim, há uma reconfiguração da posição do sagrado na vida do fiel, pois certifica que Deus pode levar o sujeito à ascensão social, por meio de um “elo”; a partir do efeito de sentido desse termo é possível ver o objeto religioso submetido ao primado econômico capitalista, pois o “elo” que conecta o fiel a Deus é o mesmo que o liga à prosperidade.

o caminho percorrido pela TP visa combinar as exigências da expansão do modo de produção capitalista. Para tanto, propaga-se a defesa da necessidade do fiel carecido de recursos materiais identificar-se com a classe social que corresponda ao desejo de consumo e vida próspera. Dentro desse ordenamento, a riqueza deve ser a visão de mundo do fiel. (Lemos, p. 85, 2017)

Dessa forma, a salvação, ou vida eterna, passa a ocupar um papel secundário em detrimento da vida próspera na terra, visto que o discurso está centralizado na obtenção de capital. Esse recorte discursivo mostra um novo papel dado ao trabalho, o de fazer fortuna e de ser digno de respeito, ocupando posições de liderança e exercendo poder; sempre seguindo o caminho do empreendedorismo, o *status* de empresário passa a ser objeto de desejo incentivado e prometido.

Para a TP, o sofrimento - algo vivenciado cotidianamente pela maioria dos fiéis, visto que a maior parte da população brasileira vive com menos de dois salários mínimos²⁴ - é sinal de falta de bençãos e ação demoníaca, e, portanto, buscar a vida melhor na terra é a nova promessa divina. Essa nova ideia é um alívio para a vida de sofrimento diário; um impulso para a mudança, por isso, a crença cega e feroz do que é preconizado pelos pastores e, ao mesmo tempo, um capital político e econômico descomunal dessas igrejas, que arrebanham um exército atrás de si.

Com isso, a TP subverte radicalmente o conteúdo do evangelho, visto que ela pressupõe que os problemas do cristão estão relacionados à sua falta de fé. Essa contradição também pode ser estabelecida ao comparar esse recorte discursivo às ideias de Martinho Lutero, reconhecido como primeiro líder a romper com a igreja católica e estabelecer as 95 teses de Witemberg: “Ofende-se a palavra de Deus quando, em um mesmo sermão, se dedica tanto ou mais tempo às indulgências do que a ela”²⁵. Essa descontinuidade demonstra que o objeto discursivo religioso não é pautado em uma construção linear, mas que se ancora em contradições e

24 <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/11/5053834-70-dos-trabalhadores-brasileiros-ganham-ate-dois-salarios-minimos.html>

25 https://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html

descontinuidades e é influenciado pelos primados ideológico e econômico – superestrutural –, os quais sobrepõem de forma substancial a concepção essencialmente religiosa, visto que:

“Estabelecer descontinuidades supõe que distingamos, nesta massa de textos, regiões com fronteiras definíveis, jansenismo ou humanismo devoto, por exemplo. Os enunciados pertencentes a cada uma destas regiões devem poder ser caracterizados por um conjunto específico de traços, relacionados ao mesmo sistema de categorias e regras, ou seja, pertencer à mesma formação discursiva. No lugar de ver no discurso de uma mera coleção de enunciados, nós buscamos o sistema que assegura a sua unidade” (Maingueneau, 1983, p. 15).

A fala de Maingueneau destaca a importância de identificar descontinuidades no discurso, ou seja, reconhecer regiões com fronteiras definíveis, cada uma caracterizada por um conjunto específico de traços pertencentes ao mesmo sistema de categorias e regras, ou formação discursiva. Isso implica em ver o discurso não apenas como uma coleção de enunciados, mas como um sistema que assegura sua unidade.

Relacionando isso à questão do discurso neopentecostal, podemos observar que há uma mudança significativa em relação às ideias propostas pela Reforma Protestante, especialmente no que diz respeito à livre interpretação da Bíblia. Enquanto a Reforma enfatizava a liberdade individual de interpretar as Escrituras, o discurso neopentecostal, muitas vezes, se torna um intermediário entre o fiel e Deus, exercendo uma autoridade interpretativa sobre o texto bíblico. O discurso neopentecostal assume o papel de intermediário entre o fiel e Deus, não apenas oferecendo uma interpretação ideológica do texto bíblico, mas também a partir de uma orientação espiritual e de promessas de bênçãos materiais em troca do enriquecimento financeiro da igreja proporcionada pelas ofertas dos fiéis.

O neopentecostalismo talvez até merecesse hoje um outro nome que não o neopentecostal. O pentecostalismo clássico traz forte herança cristã e principalmente do cristianismo protestante. O neopentecostalismo perdeu dois elementos fundamentais desses dois ramos: do pentecostalismo clássico praticamente perdeu a segunda bênção (batismo com o Espírito Santo); e do protestantismo, a Bíblia. Em lugar desses elementos, entraram aspectos mágicos com o instrumental herdado das religiões correspondentes ao imaginário social, como novenas (Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja da Graça, catolicismo popular), bênção da água (água-benta), óleo, flores, chaves, etc. Os atos de exorcismo entram como instrumental de reorganização do universo dos clientes, separando o bem do mal (Mendonça, 2008, p. 139).

Em vista deste quadro, é preciso ressaltar que a *memória*, conforme Michel Pêcheux, desempenha um papel crucial na compreensão dos efeitos de sentido dos discursos e das

práticas sociais. No caso do neopentecostalismo brasileiro, a memória remonta às influências do pentecostalismo estadunidense, que foram importadas e adaptadas aos valores e às demandas socioculturais brasileiras. Essa memória compartilhada influencia diretamente a construção dos discursos neopentecostais, incluindo a TP. Parafraseando Pêcheux, a memória é aquilo que torna possível uma série de regularidades: que uma sucessão de discursos seja considerada idêntica a outra; que num discurso já produzido possamos reconhecer algo como tendo sido dito antes; que se possa conceber a possibilidade de formulação 'de novo' de um mesmo discurso. O autor afirma que

A memória não poderia ser concebida como uma esfera plena cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria sentido homogêneo, acumulado ao modo reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamento e de retomadas, de conflitos de regularização. Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (Pêcheux, 1999, p. 56)

Portanto, a memória é um elemento fundamental na produção e na interpretação do discurso. Ela não se limita à capacidade individual de lembrar eventos passados, mas está intrinsecamente ligada à construção de sentidos. A memória é a forma como os discursos anteriores, ou seja, o que já foi dito e escrito sobre um determinado tema, influenciam a produção e a compreensão do discurso presente. “A memória, desse modo, define o que é enunciável e o que deve ser mantido à distância, dado o risco de as fronteiras ruírem sob o peso do confronto discursivo”. (Catellan, 2022, p. 17).

Por conseguinte, a constituição de uma memória não é um processo neutro, mas está impregnada de ideologia. Isso significa que ela é seletiva e orientada pela ideologia dominante em uma sociedade. Discursos e narrativas que se alinham com essa ideologia têm maior probabilidade de serem lembrados e perpetuados, enquanto aqueles que a desafiam podem ser esquecidos ou marginalizados na memória social. Dessa forma, a memória se configura como uma arena de luta ideológica; diferentes grupos sociais competem pela interpretação e pelo controle da memória coletiva, buscando impor suas narrativas e perspectivas ideológicas. Isso transparece em debates políticos, morais, jurídicos e religiosos, nos quais as interpretações do passado e as memórias coletivas são contestadas e negociadas.

Nesse trabalho da memória, não nos parece possível, em especial no cenário brasileiro, tratarmos da TP sem fazer ressoar sentidos de uma outra teologia com fortes marcas no imaginário brasileiro, a Teologia da Libertação (TL), e na relação entre ambas, marcar as tensões e embates da ideologia que marcam a constituição dos discursos e da própria memória. A partir dessa noção ressaltaremos o embate ideológico entre a TP e a TL. A primeira,

intrinsecamente associada ao capitalismo e à busca do sucesso financeiro e a segunda, com uma concepção mais social e voltada ao combate das desigualdades. Essa relação evoca o conceito de interdiscurso, que “significa os saberes constituídos na memória do dizer; sentidos do que é dizível e circula na sociedade; saberes que existem antes do sujeito; saberes pré-construídos constituídos pela construção coletiva.” (Caregnato, 2006, p. 681).

Tal conceito é fundamental em nossa análise, visto que ele trata da formação de um discurso em relação a outro já existente, ou seja, um conjunto de concepções, que se apropria, implícita ou explicitamente, de outras configuradas anteriormente. Nesse sentido, o interdiscurso trata-se da relação entre “discursos com fronteiras relativamente delimitáveis (formações discursivas, políticas, religiosas, ...), cuja importação de pré-construídos permite que uma metáfora coloque o objeto discursivo sob outras luzes e propicie outra rede de sentidos”. (Catellan, 2022, p. 5).

Logo, o conceito de interdiscurso destaca a relação intrínseca entre diferentes objetos discursivos, na qual os discursos são construídos a partir de outros discursos existentes e são influenciados por eles. Sendo assim, entendemos que nem os sujeitos, nem os discursos e nem os sentidos estão prontos e acabados. Eles estão sempre se (re)estruturando na relação intrínseca entre as esferas simbólica e histórica. “O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. (Mittmann, 1999, p. 272). Por esse motivo, é necessário analisar o intradiscurso a partir da concepção de que produzir um discurso está associado sempre ao interdiscurso e à memória discursiva.

Desse modo, partindo do interdiscurso, discutir sobre a Teologia da Libertação é fundamental para compreender a Teologia da Prosperidade porque ambas se relacionam e se influenciam mutuamente. Isso é possível, uma vez que “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (Orlandi, 2006, p. 31). Dessa forma, a TP não surge em um vácuo, mas está associada às condições de produção, que incluem a TL.

No livro *Semântica do Acontecimento*, Eduardo Guimarães discute a questão da designação como parte central do processo discursivo. De acordo com essa perspectiva, a designação não é apenas a atribuição de nomes ou termos a objetos ou conceitos, mas um ato que envolve construção de sentido e poder. O autor destaca que a designação está intrinsecamente ligada à produção de sentido em um discurso. Os termos não possuem significados fixos e universais, mas são atribuídos e interpretados de maneira variada de acordo com o contexto e as relações de poder envolvidas. Através da designação, os sujeitos constroem e negociam significados,

influenciados por fatores sociais, históricos e ideológicos. Além disso, Guimarães (2003) também ressalta que a designação não é um processo neutro, mas está impregnada de ideologias e relações de poder. Certos termos e categorias são privilegiados em detrimento de outros, refletindo e reproduzindo assimetrias de poder e hierarquias sociais. Portanto, analisar as práticas de designação em um discurso é fundamental para compreender como o poder é exercido e contestado através da linguagem, reconhecendo sua centralidade na produção de sentido e sua relação intrínseca com o poder e a ideologia. Desse modo, cabe discutir as designações “Prosperidade” e “Libertação”.

A partir da análise das designações "Teologia da Prosperidade" e "Teologia da Libertação", há uma interconexão entre os termos e os contextos econômicos e sociais em que essas teologias surgiram. A TP é caracterizada por sua ênfase na busca pela prosperidade material e financeira como um sinal de bênção divina. Originada principalmente nos Estados Unidos, durante um período de crescimento econômico e prosperidade pós-Segunda Guerra Mundial, essa teologia floresceu em um ambiente de individualismo, competitividade e valorização do sucesso material. Ela reflete a busca de segurança financeira e conforto material, em um contexto cultural e econômico marcado pelo consumismo e pelo capitalismo.

Por outro lado, a TL surgiu em contextos latino-americanos, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, marcadas por profundas desigualdades sociais, opressão política e injustiça econômica. Essa teologia enfatiza a libertação dos oprimidos, a justiça social e a solidariedade com os pobres e marginalizados, inspirando-se nas lutas por direitos humanos e emancipação política. Ela surge como uma resposta ao contexto de pobreza, exploração e marginalização enfrentados pelas comunidades latino-americanas, especialmente durante regimes autoritários e regimes de ditadura. Assim, as designações dessas teologias refletem não apenas suas características teológicas, mas também os contextos econômicos, sociais e políticos em que surgiram. Enquanto a TP está associada a uma busca por prosperidade material em um contexto de capitalismo e individualismo, a TL está enraizada na luta por justiça social e libertação em face da opressão e da desigualdade econômica. Essas designações demonstram as diferentes preocupações e aspirações das comunidades religiosas em resposta aos desafios e injustiças de seus contextos específicos.

Conforme Michael Löwy (2000), há oito pontos principais na TL: a libertação humana como antecipação da salvação final em Cristo, uma nova leitura da Bíblia, uma forte crítica moral e social do capitalismo dependente, o desenvolvimento de comunidades de base cristãs entre os pobres como uma nova forma de Igreja e, especialmente, uma opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta de autolibertação.

No livro *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*, Michael Löwy (2000) examina criticamente a relação entre religião, política e economia na América Latina. Uma das contribuições fundamentais da TL é a sua crítica moral e social do capitalismo dependente na região. Löwy destaca como o capitalismo na América Latina se desenvolveu de forma dependente, subordinado aos interesses das potências coloniais e posteriormente aos interesses do capital estrangeiro. Esse modelo econômico perpetua a dependência e a desigualdade na região, mantendo uma estrutura em que a riqueza é concentrada nas mãos de poucos, enquanto a maioria da população vive em condições de pobreza e marginalização.

Diante desse cenário, a TL oferece uma crítica moral e social contundente desse sistema econômico, argumentando que ele é intrinsecamente injusto e contrário aos princípios do Evangelho. Os teólogos da libertação denunciam a exploração dos pobres e marginalizados pelo capitalismo dependente, destacando as disparidades sociais e econômicas que resultam desse sistema. Além disso, a TL rejeita a ideia de que a pobreza é simplesmente resultado de falhas individuais ou falta de esforço, e em vez disso aponta para as estruturas sociais e econômicas que perpetuam a desigualdade.

Essa crítica moral não apenas questiona a legitimidade do capitalismo dependente, mas também convoca os cristãos a se engajarem em uma luta por justiça social e econômica. Um dos princípios fundamentais da TL, conforme destacado por Löwy, é a opção preferencial pelos pobres e a solidariedade com sua luta de autolibertação. Isso implica em tomar partido dos oprimidos e marginalizados, buscando transformações sociais que promovam a justiça e a igualdade. Portanto, a crítica moral e social do capitalismo dependente pela Teologia da Libertação, conforme explorada por Michael Löwy, destaca a necessidade de uma análise profunda das injustiças econômicas e sociais na América Latina e convoca os cristãos a se engajarem em uma luta por transformação social e justiça econômica.

Ancorada nessa abordagem, a TL eclodiu no Brasil junto a problemas socioeconômicos – como a fome e a mortalidade infantil - acarretados pelo crescimento das cidades e o êxodo rural, típicos da metade do século XX. Nesse período, houve o envolvimento de alguns grupos religiosos católicos – associados a TL – com o cotidiano de seus fiéis e o contato com o sofrimento e as dificuldades de uma parcela significativa da população brasileira.

Na década de 1950, a Igreja Católica deu início a uma renovação, pois adotou métodos pedagógicos e de análise filosófica da realidade referenciados no pensamento do padre Pierre Faure, embasado pelas teorias de Montessori e Lubinska – com o objetivo de manter a relevância de seus colégios em meio à popularização de práticas escolanovistas. Nesse sentido, “a Igreja necessitava renovar-se pedagogicamente sob o risco de perder a clientela. O caminho

que a Igreja Católica encontrou para responder a essa exigência foi assimilar a renovação metodológica sem abrir mão da doutrina” (Saviani, 2008, p. 301-302).

Então, dois acontecimentos importantes deram bases para o desenvolvimento da TL no Brasil: o Concílio Vaticano II e o Golpe Militar de 1964. Após esses eventos, muitos os grupos católicos, que já se filiavam a essa teologia, passaram a se posicionar mais firmemente contra os problemas econômicos e sociais que estavam atingindo o país e, por isso, quando os militares tomaram o poder e implantaram um regime autoritário, passaram a ser perseguidos. Desse modo, os religiosos envolvidos com a questão social e a realidade brasileira que denunciavam e agiam em relação aos problemas no país como a fome, o desemprego, a questão agrária e a repressão dos militares, começaram a ser vistos como inimigos do regime.

Em suma, a TL surgiu em um momento de intensa agitação política e social na América Latina, marcado por ditaduras militares, desigualdade econômica e exclusão social. Nesse contexto, essa teologia se tornou uma ferramenta para a mobilização popular e a resistência contra as injustiças estruturais. Sua atuação não se limita apenas ao âmbito religioso, mas também aborda questões políticas, econômicas e culturais. Em nível de análise, isso reflete a interconexão entre diferentes esferas da vida social e a capacidade do discurso de influenciar a forma como as pessoas se relacionam com a religião e com a sociedade como um todo, pois os discursos carregam significados sociais e políticos que refletem as relações de poder na sociedade. A TL ao adotar uma perspectiva crítica das estruturas sociais e econômicas que perpetuam a pobreza e a opressão, está inserida nesse contexto discursivo de contestação e transformação.

Então, a fim de analisar a relação entre a TP e a TL é necessário destacar o discurso veiculado por pastores neopentecostais sobre essa doutrina. Abaixo, o recorte discursivo foi retirado do portal Gazeta do Povo²⁶ e escrita pelo pastor Franklin Ferreira²⁷:

REC 3: Sempre que a Igreja cristã ou clérigos e teólogos identificaram determinada ideologia com o reino de Deus ou com a mensagem bíblica, essa foi não apenas distorcida, mas acabou sendo perdida. Isso aconteceu na Alemanha nacional-socialista, na União Soviética e entre os ideólogos da Teologia da Libertação na América Latina. A mensagem evangélica está acima das ideologias totalitárias, as quais, por sinal, algumas vezes não passam de pobres heresias e perversões do Evangelho. (Franklin, 2022).

26 https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/franklin-ferreira/teologia-da-libertacao-cavalo-de-troia-igreja-catolica/?utm_source=facebook&utm_medium=midia-social&utm_campaign=gazeta-do-povo&fbclid=IwAR2Wlg-twGPh_6Cz9zC1T4GRMARi6IJCIATGx55PvcWwSOgLepV1Ut8p_o

27 Franklin Ferreira é Bacharel em Teologia pela Escola Superior de Teologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

Conforme Orlandi, em sua obra intitulada por “Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos”, existem dois tipos de esquecimento, o Esquecimento 1, conhecido como esquecimento ideológico, refere-se ao impacto da ideologia em nosso inconsciente. Esse tipo de esquecimento é resultado da influência da ideologia em nossa percepção e memória. Esquecimento 2 está relacionado à forma como enunciamos nossos discursos. Ao escolhermos expressar algo de uma maneira específica, estamos, ao mesmo tempo, excluindo outras possibilidades de expressão. Isso cria relações entre os discursos que indicam que sempre há diferentes formas de dizer o mesmo enunciado.

O esquecimento 2 pode ser identificado na escolha do termo *nacional-socialista* em vez de *nazista*. O pastor trabalha a partir de um efeito de sentido de domínio e, assim como o sujeito acredita trazer um sentido seu, único a aquele enunciado, ele “esquece” que não é dono do sentido e, portanto, seus interlocutores podem não interpretar do modo como ele queria. Assim, ao escolher a designação nacional-nacionalista, o autor fez uma escolha discursiva específica e excluiu outras possíveis maneiras de se referir ao regime alemão liderado por Adolf Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial.

Essa escolha tem implicações ideológicas significativas, já que o termo *nacional-socialista* pode ser interpretado como uma tentativa de estabelecer uma conexão entre o nazismo e o socialismo, o que está equivocado, tendo em vista que o “nacional-socialismo” se refere especificamente ao regime político liderado por Hitler e ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) e o socialismo representa uma ideologia política distinta, que busca a igualdade social e a propriedade coletiva dos meios de produção, ideais opostos aos princípios do nazismo.

Essa associação incorreta entre nacional-socialismo e socialismo pode ser uma estratégia discursiva utilizada pelo autor para reforçar sua argumentação sobre a superioridade da mensagem evangélica em relação às ideologias totalitárias. O discurso ao tentar ligar o nazismo ao socialismo, propõe um descrédito ao socialismo como uma ideologia, ao passo que reforça a visão negativa sobre o nazismo e o afasta da sua teologia, contribuindo para a construção de uma narrativa que favoreça suas próprias crenças e valores.

Além disso, o autor insinua uma ideia de superioridade ao afirmar que a mensagem evangélica está *acima das ideologias totalitárias*. Ele coloca a crença evangélica em um pedestal moral e teológico, destacando-a como superior em relação a outras correntes ideológicas. Essa noção de superioridade aponta não apenas uma supremacia teológica, mas também uma superioridade moral da crença evangélica em comparação a outras ideologias, que são tratadas como igualmente nocivas, sendo elas o nacional-socialismo (nazismo), o comunismo e até

mesmo a TL. A concepção de superioridade é utilizada para legitimar a posição do discurso evangélico e reforçar a narrativa de que apenas essa narrativa é verdadeiramente autêntica e representativa do cristianismo, enquanto outras ideologias são consideradas desvios ou perversões. Assim, o discurso evangélico é elevado a um *status* superior, tornando-se o ponto de referência para julgar e avaliar outras ideologias.

Sendo assim, o discurso de Franklin constrói uma representação da TL como uma ameaça à ordem estabelecida, apresentando-a como uma ideologia que busca transformar radicalmente a realidade humana por meio da união entre política e fé. Ao associar a TL à União Soviética – maior expoente socialista –, o discurso de Franklin ressignifica o objetivo original dessa teologia, que é centrado na luta contra a injustiça social e na defesa dos direitos dos oprimidos, e o transmuta para uma esfera puramente política. Essa ressignificação serve aos interesses ideológicos do pastor em desacreditar a TL e promover uma visão conservadora e neoliberal da religião, uma vez que pressupõe que ela possa ser extraída das questões sociais e tratada de forma individualizada.

Ademais, a representação da TL como um *cavalo de Troia* – título do artigo – na Igreja Católica, sugerindo que ela é uma ameaça disfarçada, reflete a polarização ideológica e os conflitos de interesses dentro do contexto religioso e político em que o pastor está inserido. Essa polarização é notável pelo discurso de Franklin, que busca deslegitimar e demonizar a TL. Então, a representação da TL como uma ameaça serve à sua agenda de desacreditar e marginalizar essa abordagem teológica em favor de uma visão neoliberal da religião.

Essa noção segue em seu discurso, sobretudo no que diz respeito à luta política:

REC 4: a Teologia da Libertação desempenhou um papel essencial na formação do “sandinismo” e da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), que hoje persegue clérigos e fiéis católicos e fecha meios de comunicação na Nicarágua (Franklin, 2020).

A partir desse recorte é possível identificar uma construção ideológica que critica a TL, utilizando-se de estratégias discursivas para promover sua visão e agenda religiosa. A citação de Franklin constrói uma arena política na qual a TL é associada negativamente ao *sandinismo* e à Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), sugerindo uma conexão direta entre a TL e práticas políticas como a perseguição religiosa e a censura à imprensa. Ao mencionar que a FSLN persegue clérigos e fiéis católicos e fecha meios de comunicação na Nicarágua, o discurso de Franklin implica que a TL está alinhada a um regime político autoritário e

repressivo, contribuindo para a construção de uma imagem negativa dessa abordagem teológica.

A crítica à TL aparece na forma como Franklin a associa a práticas políticas e sociais controversas. Ao destacar a perseguição de clérigos e fiéis católicos na Nicarágua, o discurso insinua que a TL é responsável por promover uma agenda política que viola os direitos humanos e a liberdade religiosa. Além disso, ao mencionar o fechamento de meios de comunicação, o discurso aponta que a TL apoia a censura e a restrição da liberdade de expressão, o que é visto como uma ameaça à democracia e aos valores fundamentais da sociedade.

Nesse sentido, o efeito de sentido relacionado à fala do pastor remete o interlocutor a uma memória histórica – ao mencionar o Sandinismo²⁸ –, a qual fomenta o embate entre capitalismo e socialismo, e, por meio do interdiscurso, pois, “diferentes regiões que recortam o interdiscurso e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como às posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes” (Orlandi, 1992, p. 20).

Tal asserção também aparece na relação estabelecida entre a visão sobre a figura de Jesus Cristo supostamente veiculada pela TL, a respeito da qual o pastor Franklin Ferreira aponta:

REC 5: A Teologia da Libertação ‘parte do pobre e encontra Cristo’, enquanto a mensagem da Igreja cristã ‘parte do Cristo e encontra o pobre’[...] O social deriva do espiritual. (Franklin 2020).

O discurso de Franklin insinua uma inversão na perspectiva entre a TL e o discurso da Igreja cristã tradicional. Ele argumenta que a TL parte do pobre e encontra Cristo, enquanto o discurso cristão tradicional parte de Cristo e encontra o pobre. Essa inversão implica que a TL está mais preocupada com as questões sociais e materiais, enquanto o discurso cristão tradicional está mais focado no aspecto espiritual e religioso.

Tal perspectiva cria uma dicotomia entre o social e o espiritual, sugerindo que a TL está desequilibrada em sua abordagem. Ao afirmar que o *social deriva do espiritual*, o discurso de Franklin desvaloriza a importância do aspecto social no discurso cristão, especialmente na perspectiva da TL. Essa afirmação propõe que a dimensão espiritual é mais importante e, assim, que as questões sociais são secundárias e derivadas dela. Essa visão desvaloriza o compromisso da TL com a justiça social, reduzindo sua relevância em detrimento da dimensão espiritual da fé cristã. Ao apresentar a TL como uma abordagem que *encontra Cristo* a partir do pobre, o

28O termo sandinismo na Nicarágua, além da guerrilha sandinista que lutou contra os Somoza ao longo das décadas de 1960 e 1970, faz menção a Augusto César Sandino, guerrilheiro que lutou contra a forte influência dos Estados Unidos em seu país durante as décadas de 1920 e 1930.

discurso de Franklin sugere que essa teologia tem uma compreensão distorcida ou incompleta de quem é Jesus Cristo e de seu discurso.

Por isso, essa abordagem implica na noção de que a TL não está centrada em Cristo como o discurso cristão tradicional, mas sim em uma interpretação seletiva e distorcida de sua figura, que prioriza as questões sociais em detrimento do aspecto espiritual e redentor. Portanto, o discurso apresenta um distanciamento da mensagem de Jesus Cristo na perspectiva da TL. Dada asserção reflete uma tentativa de desacreditar essa abordagem teológica e promover uma visão alternativa alinhada aos interesses do discurso neopentecostal – ao qual o pastor Franklin é afiliado.

Nesse sentido, a invalidação da TL em detrimento da TP, transferida à arena ideológica entre o socialismo e o capitalismo, influencia na construção da memória coletiva, dado que instituições religiosas associadas a TP mantêm o monopólio midiático²⁹, uma ferramenta crucial para a construção da memória coletiva, pois permite que suas mensagens e valores sejam amplamente difundidos na sociedade, enquanto a TL, que historicamente defendeu uma abordagem mais crítica em relação às estruturas de poder e à desigualdade social, é frequentemente marginalizada ou silenciada nos meios de comunicação de massa.

Essa marginalização da TL, e a ampla exposição da TP, nos meios de comunicação contribui para moldar a memória coletiva, influenciando a percepção pública sobre questões sociais e políticas. Ao promover uma visão individualista da fé, centrada na prosperidade material e no sucesso pessoal, a TP reforça a lógica do capitalismo e deslegitima as críticas ao sistema econômico vigente. Essa narrativa se alinha com os interesses da classe dominante, que se beneficia da manutenção do *status quo*. Assim, o monopólio midiático da TP não apenas ajuda a invalidar a TL, mas também contribui para a construção de uma memória coletiva que legitima e naturaliza as desigualdades sociais, reforçando as ideologias dominantes do capitalismo e do individualismo. Essa dinâmica exemplifica como os AIEs, incluindo as instituições religiosas, são utilizados para perpetuar e reproduzir as relações de poder existentes.

Desse modo, a relação entre o conceito de memória e a TP, utilizada pelas igrejas neopentecostais no Brasil, pode ser analisada considerando a forma como a memória influencia a construção dos discursos religiosos e a propagação das crenças e práticas desta linha ideológica religiosa, pois entendemos

a memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética de repetição e regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face, a um texto surge como acontecimento a ler, vem a restabelecer os 'implícitos' de

²⁹Como redes de televisão, rádio, editoras, citadas no capítulo anterior.

que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 1999, p. 52).

Dessa forma, a construção ideológica da memória religiosa é um caso dessa relação. A TP é baseada em interpretações da Bíblia e na construção de uma memória religiosa que enfatiza que Deus recompensa a fé e a generosidade financeira com prosperidade material, ideia que está materializada nos recortes discursivos analisados no próximo capítulo. Essa construção promove a busca pela riqueza como um sinal de bênção divina. As igrejas neopentecostais, muitas vezes, se valem de práticas persuasivas e retóricas que envolvem a evocação de memórias religiosas compartilhadas.

Ao apelar para histórias bíblicas conhecidas ou testemunhos de pessoas que supostamente alcançaram prosperidade por meio da fé, elas exploram a memória coletiva de seus fiéis para fortalecer seu discurso. As instituições religiosas neopentecostais despertam sensações afetivas nos seus seguidores, a partir de sua memória discursiva.

Então, em suma, o conceito de *memória* de Michel Pêcheux pode ser associado à TP utilizada pelas igrejas neopentecostais no Brasil ao destacar como a memória influencia a construção e a legitimação dos discursos religiosos, a formação da identidade religiosa e a luta ideológica em torno das interpretações religiosas. Assim, a memória desempenha um papel crucial na disseminação e na manutenção das crenças e práticas ligadas à TP dentro dessas comunidades religiosas. Por isso, cabe ressaltar que ela deve ser entendida não no sentido de “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória social inscrita em práticas sociais.

A memória não apenas molda as interpretações religiosas e a formação da identidade religiosa, mas também é central na luta ideológica em torno dessas interpretações. No cenário neopentecostal, a memória, inscrita em práticas sociais, é um elemento crucial na disseminação e manutenção das crenças e práticas ligadas à TP. Nesse sentido, ela deve ser compreendida não apenas como uma reminiscência individual, mas como um processo complexo de memória social que influencia e é influenciado pelas dinâmicas discursivas e práticas sociais dentro das comunidades religiosas. Assim, as análises do interdiscurso e da memória na construção do discurso neopentecostal permitem interpretar as complexas relações entre poder, ideologia e prática discursiva, lançando luz sobre os mecanismos pelos quais as igrejas neopentecostais articulam e legitimam suas crenças e práticas em um contexto social e cultural específico. Tais relações serão melhor discutidas no próximo capítulo, a partir da análise de recortes discursivos retirados do site da IURD.

3. UM DISCURSO PARA O SUCESSO

“Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, porque é ele o que te dá força para adquirires riquezas; para confirmar o seu pacto, que jurou a teus pais, como se vê neste dia.”

Deuteronômio 8:18

O seguinte capítulo irá analisar recortes discursivos retirados do periódico *Folha Universal*, distribuído semanalmente nas unidades físicas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e veiculado no site da instituição na forma de colunas. A seleção dos recortes foi realizada durante o período de um ano, de janeiro de 2022 até fevereiro de 2023, e feita a partir do conteúdo disponibilizado online.

O periódico *Folha Universal* representa um dos principais meios de comunicação da IURD e tem sido o jornal evangélico mais difundido no Brasil desde 1992. Atualmente, sua circulação semanal atinge 2,3 milhões de cópias³⁰, adotando um formato de tabloide, com 32 páginas. Sua orientação editorial é direcionada à evangelização e ao apoio espiritual dos fiéis da igreja, abrangendo também a cobertura de notícias nacionais e internacionais sobre áreas como saúde, esportes, entretenimento e questões sociais.

A redação do periódico é composta por diversos testemunhos de fiéis e pelo comando editorial de líderes religiosos da instituição. Os principais colunistas são: Bispo Edir Macedo, o fundador da IURD, que é uma figura central na liderança da denominação e é conhecido por sua influência significativa no meio religioso e mídia; Ester Bezerra, esposa de Edir Macedo, que juntamente com seu marido, desempenha um papel importante na liderança da IURD e é bastante ativa na promoção dos ensinamentos da igreja; Renato Cardoso e Cristiane Cardoso, um casal de líderes da IURD, Renato é conhecido por seu trabalho pastoral e de aconselhamento, enquanto Cristiane, filha do Bispo Edir Macedo, é uma figura pública reconhecida por seus livros e programas de televisão que abordam temas relacionados à vida familiar e espiritual; Júlio Freitas e Viviane Freitas, também são um casal de líderes da IURD, Júlio Freitas é um dos principais bispos da denominação, envolvido em pregações e orientação espiritual, Viviane Freitas, esposa de Júlio, é uma escritora e influenciadora digital que compartilha ensinamentos religiosos e experiências pessoais; Núbia Siqueira, uma das pastoras da IURD, como

30 <https://extra.globo.com/noticias/brasil/folha-universal-vendida-em-lotes-de-cem-472051.html>

líder espiritual, ela está envolvida em ensino, orientação pastoral e atividades relacionadas à comunidade da igreja.

Essas personalidades desempenham papéis variados dentro da IURD, incluindo liderança espiritual, ensino teológico, orientação pastoral, mídia e literatura, todos com o objetivo de disseminar os ensinamentos e valores da igreja tanto dentro como fora da comunidade de fiéis. Assim, há uma tendência editorial voltada à promoção das ideias, discursos e influências, especialmente os interesses políticos, religiosos e comerciais da IURD. Em períodos eleitorais, por exemplo, os líderes religiosos aproveitam o veículo para apoiar os candidatos de sua agremiação, visando fortalecer a posição da Universal no cenário político.

Nesse cenário, compreendemos que para além do conteúdo dos recortes discursivos analisados, devemos observar o que não está aparente, sobre isso, cabe explorar os conceitos do *dito* e do *não-dito*, estabelecidos pela Análise do Discurso. O que não é mencionado em um discurso pode produzir tantos sentidos quanto o que é dito. O não dito que escapa muitas vezes é onde podemos observar aportes ideológicos mais significativos. Desse modo, discursos religiosos podem evocar uma gama complexa de emoções e experiências psicológicas, como culpa, esperança, segurança emocional ou medo, que podem não ser expressas diretamente. Ao considerar esses elementos não aparentes, é possível obter uma compreensão mais profunda de como instituições religiosas, através do discurso moldam a percepção e o comportamento dos indivíduos dentro dessas comunidades.

A partir dessa concepção, “entende-se que os sentidos podem ser lidos num texto mesmo não estando ali, sendo de suma importância que se considere tanto o que o texto diz quanto o que ele não diz, ou seja, o que está implícito, que não é dito, mas é significado.” (Silva, 2009, p. 41). E para além disso, visto que o não dito pode até mesmo ser da ordem do inconsciente, então, as implicações históricas e ideológicas que caracterizam os discursos nas formações discursivas também atuam na significação.

Desse modo, o processo de produção de sentidos ocorre entre o *dito* e o *não-dito*, de forma que os significados dos discursos são compostos a partir das formações discursivas, as quais atuam por meio da memória discursiva ali constituída. O não-dito transpassa o dito, “[...] é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se”. (Orlandi, 2015, p. 82). Por isso, o não-dizível constitui o espaço do múltiplo, a condição do *vir-a-ser* do discurso “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (Orlandi, 1992, p. 12). Pensar o imaginário

discursivo é, portanto, “tirar as consequências do fato de que o não dito precede e domina o dizer”. (Pêcheux, 2014, p. 291). Logo, na palavra se inscreve o não-dito, mas que está ali, configurado no que está oculto. Assim, procuramos analisar o texto como objeto linguístico histórico que produz sentido.

A partir dessas concepções, o nosso olhar nas análises a seguir estão orientadas em entender como os recortes analisados significam histórica, ideológica e simbolicamente. Para isso, selecionamos duas categorias que funcionam como princípios religiosos que sustentam a condição e busca de prosperidade, a categoria 1 trata do temor a e a categoria 2 trata do princípio da sementeira.

3.1 Categoria 1: Temor a Deus

Inicialmente é necessário abordar a questão do temor a Deus dentro da bíblia, sobretudo, os contrastes sobre esse tema quando comparamos o Velho e o Novo Testamento.

No Velho Testamento, o temor a Deus frequentemente se refere a um profundo respeito, reverência e obediência diante da santidade e soberania divinas. No contexto legal e moral do Velho Testamento, o temor a Deus está intimamente ligado à observância dos mandamentos e das leis estabelecidas por Deus para o povo de Israel. Esse temor inclui a ideia de consequências para a desobediência e a promessa de bênçãos para os que obedecem. Exemplos³¹ como Abraão, que demonstrou temor a Deus ao estar disposto a sacrificar seu filho Isaque conforme a ordem divina (Gênesis 22), ou Jó, que é descrito como um homem que temia a Deus e evitava o mal (Jó 1:1), ilustram a importância desse conceito no Velho Testamento.

No Novo Testamento, o temor a Deus continua presente, mas é complementado pelo amor e pela graça de Deus manifestados através de Jesus Cristo. Jesus ensina sobre o temor a Deus como parte de um relacionamento amoroso e filial com o Pai celestial. Em passagens³² como Romanos 8:15, em que os cristãos são descritos recebendo o Espírito de adoção pelo qual clamam: "Aba, Pai!", o temor a Deus é entendido por uma abordagem de filiação e intimidade com Deus. No Novo Testamento, o temor a Deus está frequentemente associado à compreensão

³¹ Velho Testamento: Gênesis 22:12 - "Não estendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, e não me negaste o teu filho, o teu único filho."; Jó 1:1 - "Havia um homem na terra de Uz, cujo nome era Jó; homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desviava do mal."

³² Novo Testamento: Romanos 8:15 - "Porque não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai!"; Lucas 1:50 - "E a sua misericórdia vai de geração em geração sobre os que o temem."

da misericórdia e da graça divina. Por exemplo, em Lucas 1:50, Maria canta que a misericórdia de Deus é para aqueles que O temem de geração em geração.

Nesse sentido, enquanto o Velho Testamento, muitas vezes, enfatiza o temor a Deus em um contexto legal – no sentido das leis sagradas – e de obediência aos mandamentos, o Novo Testamento amplia esse conceito para incluir uma relação pessoal, íntima e baseada no amor com Deus através de Cristo. No Velho Testamento, o temor a Deus frequentemente envolve a promessa de bênçãos para os obedientes e consequências para os desobedientes. No Novo Testamento, as bênçãos e a salvação são vistas como fruto da graça divina recebida por meio do temor e da confiança em Deus. Ambos os testamentos mantêm a ideia central de reverência e respeito por Deus, embora o Novo Testamento enfoque essa atitude dentro de uma relação de amor e perdão.

Nesse sentido, iniciamos nossa análise com um recorte que apresenta a construção de uma relação comercial entre Deus e o fiel³³:

REC 6: Faça de Deus o seu sócio: Dessa forma, arrumando o que está errado nas suas atitudes, você poderá ter o Altíssimo como seu sócio majoritário: Ele não falha, não decepçiona e lhe dá tudo o que precisa. Quando você O obedece, Ele lhe dá forças, direção, guia e transforma o fracasso em sucesso. Não se contesta o sócio majoritário. (Universal, 2022)

A partir do recorte 6, analisamos que, a base bíblica utilizada pela IURD está centrada na visão do Antigo Testamento. Então, esta categoria foca na análise de recortes discursivos que exploram o temor a Deus associado à prática de ofertar. Nesse sentido, TP propaga a noção de que o ato de ofertar financeiramente para a igreja não apenas demonstra obediência e fé, mas também gera uma reverência a Deus, o que resulta em bênçãos espirituais e materiais para os fiéis. Ao reunir e analisar esses recortes discursivos, examinaremos como o discurso neopentecostal da IURD associa esses conceitos. O temor a Deus associado à oferta é um tema central na TP, amplamente difundido por denominações evangélicas pentecostais como a IURD. Ele se baseia na convicção de que o ato de contribuir financeiramente para a igreja não deve ser visto apenas como um dever religioso, mas como uma demonstração de reverência e submissão a Deus. Essa prática reflete a confiança de que Deus é o provedor supremo e que aqueles que se submetem à Sua vontade serão recompensados espiritual e materialmente. Ao mesmo tempo,

33 O recorte discursivo a seguir foi coletado no dia 18 de maio de 2022 <https://www.universal.org/noticias/post/qual-e-a-raiz-dos-seus-problemas-financeiros/>

o contrário é verdadeiro, ou seja, o temor se sustenta nas consequências de possível desobediência, reforçando uma ideia de que a ira divina levará à destruição. Nesse ponto há a deriva da igreja, pois, é o ponto em que ela pode ancorar a oferta, no temor de um Deus que pode mandar castigos e consequências caso seja desobedecido.

A TP apregoa que a generosidade financeira é um ato de fé que estabelece uma conexão espiritual profunda com Deus. Ofertar é tratado como uma expressão tangível do temor a Deus, pois os fiéis reconhecem a soberania divina sobre suas vidas e recursos financeiros. Essa prática é vista como um meio de alinhar a vontade pessoal com a vontade divina, o que demonstra confiança na promessa de Deus de provisão e bênção.

Assim, ao analisar o REC 5 é possível observar o recurso gradativo, a gradação é uma técnica linguística que consiste em apresentar uma série de elementos em uma ordem ascendente ou descendente de importância, intensidade ou magnitude. No recorte, a gradação é utilizada para destacar os benefícios de fazer de Deus o *sócio majoritário*. Inicialmente, o discurso é convidativo, empresarial, incentivando a audiência a adotar essa abordagem: *Faça de Deus o seu sócio*. Em seguida, são apresentadas as vantagens dessa parceria, enfatizando que *Deus* não falha, não decepciona e supre todas as necessidades da pessoa. Ademais, o discurso constrói um imaginário de fracasso e sucesso ao descrever as consequências de fazer ou não fazer de Deus o *sócio majoritário*. Ao descrever as vantagens de ter Deus como sócio e os benefícios que ele proporciona quando obedecido, o discurso propõe que o sucesso está garantido para aqueles que seguem essa abordagem. O recorte discursivo constrói uma imposição que não apenas convida à cooperação com Deus, mas também impõe que não é passível de contestação: *Não se contesta o sócio majoritário*. Essa frase final assume uma tonalidade imperativa que reforça a ideia de aceitação passiva da autoridade divina, sugerindo que questionar ou desafiar essa relação está associado ao fracasso.

Os sentidos que escapam a esse recorte levam a compreensão de um aprisionamento do sujeito, construído gradativamente, visto que no início há uma abordagem convidativa e persuasiva, que ao final imputa uma noção em que *não se contesta o sócio majoritário*, ou seja, não há outra saída a não ser a obediência. Sob essa ótica, Althusser (1983) introduz o conceito de interpelação ideológica, que é a maneira pela qual indivíduos são "chamados" ou interpelados pelos dispositivos ideológicos, como a religião, para se identificarem com papéis e normas sociais predefinidos. No caso do REC 5, a interpelação ocorre quando o texto aponta que ao seguir as *atitudes certas* e obedecer a Deus, você pode ter sucesso e transformar o fracasso em vitória.

Isso interpela o leitor a se identificar como alguém que precisa de Deus como sócio majoritário para alcançar o sucesso e a felicidade.

Aliado a isso, a ideologia, segundo Althusser, é utilizada para reproduzir as relações de poder existentes na sociedade, assim como no REC 5, em que a submissão a Deus é usada como uma forma de manter a ordem e a hierarquia estabelecidas na religião. Nesse sentido, a frase: *Não se contesta o sócio majoritário* reforça essa ideia de aceitação passiva da autoridade divina, sem questionamentos. Assim, há uma insinuação de que aqueles que questionam ou não obedecem estão destinados ao fracasso. Então, o discurso adota uma tonalidade imperativa, direcionando-se à audiência e instruindo-a sobre como agir: *Faça de Deus o seu sócio, Quando você O obedece*. Esse tom imperativo reforça a persuasão do discurso, a partir do sentido de urgência e de importância nas ações recomendadas.

Além disso, escolhas como *sócio*, *majoritário*, *sucesso*, remetem a uma linguagem empresarial ou de negócios. Essa escolha lexical propõe uma abordagem pragmática e utilitária para a relação com *Deus*, tratando-o como um parceiro ou investidor em um empreendimento. Althusser (1982) também discute como a ideologia se naturaliza na vida cotidiana, tornando-se senso comum. O REC 6 naturaliza a figura de Deus como um parceiro de negócios ideal, atribuindo-lhe características humanas de confiabilidade e eficácia. Isso fortalece a ideia de que seguir os preceitos religiosos não é apenas uma opção, mas uma necessidade lógica e benéfica para alcançar o sucesso. Entretanto, essa ligação reforça o aprisionamento da relação com o divino, visto que esse *sócio* é incontestável, ele pode fornecer tudo o que o fiel precisa, mas está na esfera do inescapável, pois não é possível se desvencilhar das responsabilidades e, com isso, das consequências – aqui há o funcionamento do temor a Deus – de uma desobediência.

Desse modo, ao naturalizar a noção de Deus como um sócio ideal e empregar a linguagem corporativa, o discurso estabelece uma analogia entre a fé religiosa e o mundo dos negócios, pois apresenta a ideia de uma parceria estratégica com Deus para alcançar o sucesso. Assim, a noção de *fazer de Deus o seu sócio* implica em uma relação de cooperação e colaboração mútua, na qual se espera que ambas as partes contribuam para alcançar objetivos comuns. Também, ao mencionar a necessidade de *arrumar o que está errado nas suas atitudes e obedecer*, o discurso adota uma linguagem que reflete os princípios de gestão e liderança, no qual a correção de falhas e a obediência às instruções são consideradas fundamentais para o sucesso. Desse modo, ao combinar termos do campo lexical empresarial com temas religiosos, o discurso cria uma narrativa que apela para linguagem do mundo dos negócios, ao mesmo tempo

em que busca estabelecer uma abordagem prática e pragmática para a fé religiosa, ao enfatizar a importância da cooperação com Deus para alcançar o sucesso pessoal e espiritual.

Em síntese, o REC 6 enfatiza os benefícios de estabelecer uma parceria com Deus, retratando-o como um sócio majoritário infalível que provê direção, força e transforma fracassos em sucessos para aqueles que lhe obedecem. Um discurso alicerçado sob bases empresariais, a partir de uma noção gradativa, inicialmente de convite, mas está alicerçada ao arremate, que se consolida com o aprisionamento dos fieis nessa condição de obediência e submissão. Dessa forma, Althusser, ao analisar a interpelação ideológica, ajuda a entender como esse discurso interpela os leitores a se identificarem como beneficiários das promessas divinas ao adotarem essa abordagem. E então, a linguagem empresarial empregada naturaliza a ideia de uma cooperação estratégica com Deus, reforçando a ideologia de submissão e obediência como caminhos para o sucesso, tanto espiritual quanto material, dentro da comunidade religiosa.

Em continuidade, como a IURD pauta seu trabalho de convencimento dos fieis na categoria do temor a Deus - categoria da qual ela, como depositária terrena da vontade divina, pode gerir – há a utilização de trechos bíblicos que possuem a função de dar legitimidade ao que a instituição prega. Um exemplo disso é o uso da história de Jó, livro que compõe o Velho Testamento da Bíblia Sagrada. Essa escolha é compreensível, visto que o Velho Testamento exerce um papel central na compreensão da obediência a Deus.

O Velho Testamento é tratado como uma “revelação”, aos que creem, direta da vontade divina: *Deus* se comunica com profetas e o povo escolhido, fornecendo mandamentos claros e diretrizes éticas que devem ser seguidas para viver em harmonia com a divindade. Além disso, o Velho Testamento é permeado por relatos de pactos e alianças entre Deus e o povo de Israel, especialmente nos cinco primeiros livros, onde promessas de bênçãos e proteção são condicionadas à obediência e fidelidade do povo. A obediência, portanto, é vista como essencial para manter essa relação de aliança. A narrativa bíblica também destaca as consequências da desobediência: exemplos como a punição severa dos israelitas no deserto, conforme narrado no Êxodo, ilustram que se desviar dos mandamentos divinos pode resultar em sofrimento e castigo. Por outro lado, histórias como a de Abraão, que obedeceu a Deus mesmo quando exigido a sacrificar seu filho, servem como exemplo positivo de obediência radical.

Assim, o Velho Testamento não apenas estabelece expectativas claras de comportamento moral e ético, mas também fornece uma série de exemplos práticos que destacam os benefícios da obediência e as consequências da desobediência. Com isso, reforça a importância

da obediência como um elemento essencial na relação com o divino e na busca por uma vida justa e abençoada. Especialmente esse ponto é o que será explorado pelo discurso da IURD, a obediência.

Essa passagem bíblica é usada pela IURD no recorde discursivo a seguir³⁴:

REC 7: Jó precisou passar pela perda para reconhecer que tinha que confiar em Deus. O Bispo Renato disse qual é a primeira atitude que a pessoa deve adotar diante de problemas financeiros: “antes de você recuperar o que perdeu, a primeira coisa é descansar em Deus. Não fique atribulado por aquilo que você perdeu. Ele concluiu que Deus mudou a sorte de Jó quando ele se humilhou diante do Altíssimo e limpou seu coração. “Ele teve a atitude correta que Deus queria que ele tivesse. Deus dá a Palavra, move os céus e a terra e responde para transformar o cativo de uma pessoa.” (Universal, 2022)

Para entendermos melhor os sentidos latentes nesse discurso, apresentaremos de modo resumido a Deus história do personagem bíblico Jó. A história de Jó é uma narrativa que explora a questão do sofrimento humano e da fé inabalável em Deus. Jó era um homem rico e piedoso, vivendo numa região chamada Uz. Ele possuía sete filhos e três filhas, além de grandes riquezas, incluindo sete mil ovelhas, três mil camelos, mil juntas de bois e quinhentas jumentas, além de muitos servos. Um dia, os “filhos de Deus” — possivelmente anjos ou seres celestiais — apresentaram-se diante de Deus, e Satanás veio também. Deus, então, destacou a integridade de Jó, descrevendo-o como um homem íntegro, reto, que temia e evitava o mal. Satanás, porém, contestou essa integridade, sugerindo que Jó somente servia a Deus porque tinha uma vida próspera e sem problemas.

Então, Deus permitiu que Satanás provasse a fé de Jó, ao deixar que ele perdesse todos os seus bens e seus filhos de maneira trágica. Mesmo diante dessas perdas devastadoras, Jó não blasfemou contra Deus. Ele rasgou suas vestes, raspou sua cabeça e prostrou-se em adoração, dizendo: “Nu saí do ventre da minha mãe, e nu tornarei para lá; o Senhor deu, e o Senhor tirou; bendito seja o nome do Senhor” (Jó 1:20-21). Posteriormente, Satanás ainda desafiou a saúde de Jó, cobrindo-o de úlceras malignas da planta do pé ao alto da cabeça. Apesar de seu sofrimento físico e emocional, Jó não renegou sua fé em Deus.³⁵

Então, a partir do recorte apresentado, é possível estabelecer a relação entre servir a *Deus* e prosperar, mas essa fidelidade ao divino precisa ser incondicional, visto que ao tomar a história de Jó, mesmo estando o personagem bíblico em uma situação muito adversa, ele ainda

³⁴<https://www.universal.org/noticias/post/o-dia-da-recuperacao-financeira/> coletado no dia 12 de março de 2023.
³⁵ Os versículos utilizados foram: Jó 1:2-3; Jó 1:6-8; Jó 1:20-21; Jó 2:7; Jó 42:10-17.

manteve sua fé e confiou que Deus iria *transformar seu cativeiro*, como aponta o Bispo Renato. Jó perdeu sua família, foi brutalmente ferido e, mesmo assim, se curvou diante *Deus*.

No final da história de Jó, após passar por intensas provações, Deus restituiu a ele muito mais do que ele havia perdido. Após Jó ter demonstrado uma fé inabalável e ter permanecido íntegro diante das adversidades, Deus o abençoou abundantemente. De acordo com o Livro de Jó, capítulo 42, versículos 10-17, Deus restaurou a Jó sua prosperidade material e familiar. Ele recebeu o dobro de tudo o que havia perdido: recebeu sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas. Além disso, Jó teve mais sete filhos e três filhas, totalizando novamente dez filhos. A Bíblia também menciona que as filhas de Jó eram as mais belas da terra, e ele viveu depois disso cento e quarenta anos, vendo seus filhos e os filhos de seus filhos, até a quarta geração. Essa restituição demonstra não apenas a fidelidade de Deus em recompensar a fé e a perseverança de Jó, mas também a sua bondade em restaurar o que foi perdido e até mesmo superá-lo em abundância.

Nesse sentido, é possível analisar, novamente, pela relação entre o *dito* e o *não-dito*, que a fé é incondicional e precisa ser professada para que ela realmente tenha força. A partir da história bíblica, a IURD reforça a concepção de que os fieis devem adotar o que lhes é proposto, sem questionar, uma vez que a instituição representa o entreposto entre o fiel e Deus. É necessário analisar as escolhas lexicais do Bispo Renato, trechos como *Deus mudou a sorte de Jó quando ele se humilhou*, o que evoca novamente o desnível apresentado entre o fiel e a divindade, o fiel deve se curvar, temer a Deus, para que seja agraciado com a sua misericórdia e, assim, prospere. O recorte discursivo desencoraja o fiel a fazer questionamentos ou a ter uma postura cética, caso queira ficar longe de decepções ou derrotas. A IURD trabalha nesse temor a Deus que se sustenta justamente nessa visão de um Deus que testa a fidelidade dos fieis, dessa forma, a obediência é a “prova” de que o crente é temente a Deus.

Assim, “como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. (Orlandi, 2003, p. 40). Não é questionada, então, a estrutura ou os posicionamentos dos líderes da IURD, pois eles assumem a posição de alguém que fala em nome de Deus, um porta-voz. Dessa forma, o discurso religioso, ancorado na ideologia, consegue que a autoridade da liderança religiosa seja reconhecida, ao passo que ela é assegurada pela crença, o que lhe confere a legitimidade para exercício de seu papel.

Nesse sentido, há a utilização de versículos avulsos – sem o contexto ao qual ele se refere dentro da narrativa bíblica – para validar as práticas da IURD como corretas. Isso ocorre, pois o uso de recortes de versículos dá legitimidade para a relação entre a igreja e a palavra

divina, não há o uso da interpretação global, pois o todo não sustenta a deriva da TP. Os recortes discursivos a seguir³⁶³⁷, demonstram essa instrumentalização:

REC 8: Está descrito em Provérbios 11.25 que “a alma generosa prosperará e aquele que atende também será atendido” e é isso o que tem se cumprido na vida daqueles que creem neste trabalho e contribuem para ganhar almas. É por isso que o Bispo Renato Cardoso faz um convite: “imagine você construindo uma Casa para Deus, sendo participante desse projeto de ganhar almas. Sua oferta vai ajudar a realizar o sonho do Altíssimo. Ainda que não possa construir uma igreja inteira, você pode dar um tijolo e tenha certeza que Deus realizará os seus sonhos”. Se você também tem o desejo de ajudar a construir novas igrejas, informe-se na Universal mais próxima (Universal, 2023).

REC 9: O homem que age de modo inteligente sabe gerir suas contas e o seu dinheiro de forma plena. Ele avalia, se prepara e se planeja para poder bancar aquilo que quer comprar sem fazer dívidas. Nesse sentido, a Palavra contida na Bíblia é repleta de orientação: “Qual de vocês, se quiser construir uma torre, primeiro não se assenta e calcula o preço, para ver se tem dinheiro suficiente para completá-la?” (Lucas 14.28). Avaliação e preparação prévias também são requisitos básicos para que o homem possa contribuir inclusive com a Obra de Deus (Universal, 2022).

Ao fundamentar sua mensagem no versículo bíblico (Provérbios 11.25), o REC 7 incorpora uma memória discursiva profundamente enraizada na tradição religiosa cristã. Essa referência não é apenas uma estratégia retórica para conferir autoridade ao discurso, mas também serve para evocar uma série de associações e significados que ressoam com os leitores que compartilham dessa tradição. Ao invocar essa memória discursiva, o texto não apenas legitima seu discurso aos olhos dos fiéis, mas também aproveita as conotações positivas associadas à passagem bíblica para persuadir os leitores a adotarem uma atitude de generosidade e contribuição.

Essa estratégia de usar a memória discursiva religiosa é especialmente eficaz porque apela tanto à fé, quanto aos valores compartilhados dentro da comunidade religiosa. Os recortes discursivos 8 e 9, além de reforçarem a importância da generosidade e do altruísmo, também criam uma conexão emocional com o leitor, de modo a destacar a promessa de retribuição divina para aqueles que contribuem para *ganhar almas*.

No entanto, mesmo dentro dessa memória discursiva, uma contradição fundamental escapa, sai do controle de quem a produziu. Ao afirmar que Deus realizará os sonhos daqueles que contribuem para o projeto de construir igrejas, o texto propõe a onipotência divina, entretanto, ela aparece aliada à necessidade da ajuda humana para realizar o *sonho do Altíssimo*.

36 <https://www.universal.org/noticias/post/pode-entrar-essa-casa-e-sua-tambem/> 12 de fevereiro 2023.

37 <https://www.universal.org/noticias/post/voce-controla-seus-impulsos-ao-gastar/> 18 de setembro 2022.

Como um Deus pode trazer prosperidade, mas não conseguir prover a igreja de recursos suficientes para erguer seus templos? Então a igreja não tem fé o bastante? Essa tensão entre a crença na intervenção divina e a importância da ação humana é uma característica central do discurso religioso e serve para destacar as complexidades e ambiguidades inerentes ao discurso religioso, ao apelar para o fiel ajudar a realizar o sonho de Deus, a igreja mostra a hipocrisia e a inverdade de seu discurso.

Em suma, após analisarmos a categoria do *temor a Deus*, é possível concluir que esta abordagem resgata conceitos fundamentais do Velho Testamento e os adapta a um contexto contemporâneo de prosperidade e bênçãos materiais. A IURD utiliza o temor a Deus para além de um princípio de reverência e obediência, mas também como um incentivo para a contribuição financeira, especialmente através do dízimo e das ofertas, o que acarreta no enriquecimento da instituição.

Os recortes discursivos analisados evidenciam como a igreja interpreta o temor a Deus como um compromisso mútuo, em que a fidelidade e a generosidade dos fiéis são vistas como requisitos para a materialização das promessas divinas de prosperidade e sucesso. Essa relação é estratégica para fortalecer a coesão interna da comunidade religiosa, bem como para sustentar o crescimento e expansão da própria instituição religiosa.

A análise trata também de uma tensão subjacente entre a crença na intervenção divina e a necessidade da ação humana. A promessa de que Deus recompensará aqueles que contribuem para os projetos da igreja, como a construção de templos, levanta questões sobre a natureza da fé e da confiança absoluta na providência divina. Esta ambiguidade reflete as complexidades inerentes ao discurso religioso, em que conceitos teológicos tradicionais são reinterpretados em um contexto de busca por realização pessoal e material. Assim, a categoria do temor a Deus adapta valores centrais da tradição cristã – como a obediência sem contestação à divindade – de maneira a promover uma visão pragmática de religiosidade, em que a obediência e a contribuição financeira são vistas como caminhos para a realização espiritual e material. Esta conclusão ressalta a eficácia discursiva da igreja na mobilização de seus membros e, também, a constante negociação entre fé e ação no contexto contemporâneo do evangelicalismo neopentecostal.

3.2 Categoria 2: Princípio da Semeadura

Esta categoria se dedica à análise de recortes discursivos que exploram o Princípio da Semeadura na TP, com um foco particular no conceito de prosperidade, associada à prática de ofertar. A TP propaga a ideia de que a generosidade financeira para com a igreja é um ato de fé que resulta em bênçãos materiais e espirituais. Ao reunir e analisar recortes discursivos que tratam desse conceito serão examinadas as regularidades discursivas que emergem desses recortes, destacando como essas narrativas moldam percepções individuais e coletivas sobre fé e prosperidade dentro da comunidade religiosa.

O Princípio da Semeadura é uma doutrina central na TP, especialmente difundida por denominações evangélicas como a IURD. Ele se baseia na metáfora agrícola de semear e colher, aplicada à vida espiritual e material dos fiéis. Essencialmente, esse princípio ensina que as pessoas podem plantar "sementes" financeiras, geralmente na forma de ofertas e dízimos dados à igreja, com a expectativa de que Deus retribuirá abundantemente. A concepção é que, assim como na agricultura, em que a semente plantada resulta numa colheita maior, na vida espiritual e financeira, semear generosamente resultará em bênçãos materiais, saúde, prosperidade e sucesso. Assim, a semeadura não é apenas um ato de generosidade, é antes de tudo um investimento, mas também um ato de fé e obediência a Deus, que promete recompensar aqueles que confiam nele o suficiente para dar livremente.

Há o uso frequente de passagens bíblicas como Malaquias 3:10³⁸, que fala sobre trazer os dízimos ao depósito do templo e promete que Deus abrirá as janelas dos céus e derramará bênçãos sem medida sobre aqueles que forem fiéis em sua contribuição. Além das bênçãos materiais, o Princípio da Semeadura também enfatiza a noção de que o ato de ofertar promove uma conexão espiritual mais profunda com Deus e fortalece a fé do indivíduo. Portanto, semear financeiramente na igreja não é apenas uma prática ritualística, mas uma demonstração prática de fé e confiança na promessa divina de provisão e prosperidade. Essa noção pode ser analisada no recorte discursivo abaixo³⁹:

REC 10: O Bispo Macedo revelou: “aprenda a dar oferta e você nunca, em tempo algum, será pobre. Nunca vai faltar na sua casa, na sua mesa. Nunca. Jamais. Você pode não ser bilionário, mas Deus nunca vai deixar faltar porque Deus é justo”.

38 “Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal até que não haja lugar suficiente para a recolherdes.” (Malaquias 3:10).

39 <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-significa-ser-uma-pessoa-prospera/> coletado no dia 29 de janeiro de 2023.

No recorte discursivo acima, o *não dito* funciona na ausência do objeto direto após o verbo *faltar*, que é transitivo direto, ou seja, exige complemento, mas nesse recorte não há o objeto direto, desse modo, não há complemento, para não se comprometer com fiel, que precisa preencher o sentido. O autor utiliza uma estratégia discursiva ao deixar esse espaço em aberto, pois permite que o fiel preencha o vazio com suas próprias interpretações e desejos. Essa lacuna no discurso cria uma ambiguidade que pode ser interpretada de diferentes maneiras pelos ouvintes.

Ao não especificar o que exatamente não faltará na casa ou na mesa do fiel, o discurso abre espaço para que os ouvintes projetem suas próprias necessidades e aspirações nesse contexto. Por exemplo, alguns podem interpretar que não faltará alimento, outros podem pensar em segurança financeira ou em outras necessidades materiais. Essa falta de especificidade permite uma ampla aplicabilidade do discurso a diferentes situações e necessidades individuais dos fiéis.

Além disso, ao utilizar a frase *Deus nunca vai deixar faltar porque Deus é justo*, o autor apresenta uma relação de confiança e dependência entre o fiel e a entidade divina, ao reforçar a importância da fé e da prática religiosa, o que envolve dar ofertas para a manutenção dessa proteção divina. Assim, ao deixar o objeto direto não especificado após o verbo *faltar*, o autor cria um espaço para que os fiéis preencham o significado de acordo com suas próprias necessidades e crenças, enquanto reforça a importância da confiança na intervenção divina para suprir tais necessidades.

Nesse sentido, a declaração do pastor enfatiza que Deus intercede diretamente para assegurar que não haja escassez para aqueles que semeiam através de ofertas. Isso propõe que as contribuições financeiras para a igreja são vistas como sementes plantadas que resultarão em uma colheita de bênçãos materiais e proteção divina contra privações. Além disso, o Bispo Macedo destaca a justiça de Deus, implicando que Ele recompensa aqueles que praticam a sementeira com equidade e generosidade. Essa ênfase na justiça divina fortalece a confiança dos fiéis na eficácia desse princípio e na promessa de uma vida abundante, livre de carências significativas.

Sob essa perspectiva, o autor também evita se comprometer com algo específico. Essa falta de comprometimento com um objeto concreto torna o discurso mais flexível e aberto a diferentes contextos e interpretações, ao mesmo tempo em que protege o orador de possíveis cobranças ou questionamentos sobre a veracidade de suas afirmações. Assim, ao deixar o que falta na casa – ou na mesa – do fiel em aberto, o autor não assume responsabilidade direta por

garantir algo específico, como comida, dinheiro ou qualquer outra necessidade material. Isso o protege de possíveis consequências caso as promessas não se concretizem exatamente da maneira como alguns fiéis esperam ou desejam.

Sendo assim, essa falta de especificidade não apenas amplia a aplicabilidade do discurso, mas também protege o autor de ser cobrado por algo em particular, permitindo-lhe manter uma posição mais genérica e menos passível de contestação. Esse recorte discursivo não apenas deixa em aberto o que exatamente não faltará na casa ou mesa do fiel, mas também ressalta um discurso de responsabilidade individual. Ao enfatizar que: *aprenda a dar oferta e você nunca, em tempo algum, será pobre*, ele promove a ideia de que a prosperidade material está diretamente ligada à ação do fiel: dar ofertas.

Tal conexão entre dar ofertas e a promessa de que nunca faltará algo é uma estratégia discursiva que coloca a responsabilidade pelo sucesso financeiro e material nas mãos do indivíduo, fato que ignora a realidade social e econômica do local em que o sujeito vive. Sendo assim, ao sugerir que *Deus* intercede para garantir que não falte nada àqueles que contribuem com ofertas, o discurso reforça que a iniciativa de evitar a pobreza e a carência material está nas mãos dos fiéis. Dada concepção é uma forma de culpabilização individual, na qual o fiel é incentivado a acreditar que suas ações (dar ofertas) determinam diretamente seu destino econômico.

Além disso, ao atribuir a responsabilidade pela garantia de não faltar algo a *Deus*, o discurso fortalece a ideia de que a intervenção divina depende da fé e das práticas religiosas do indivíduo, práticas que estão ligadas intrinsecamente à oferta. Isso cria uma dinâmica em que os fiéis são levados a acreditar que sua obediência e generosidade são requisitos essenciais para receber a bênção divina de prosperidade. Essa estratégia discursiva pode gerar pressão emocional e espiritual ao colocar sobre cada indivíduo a culpa ou mérito por sua condição financeira.

Sob essa perspectiva, é possível perceber que a culpabilização do indivíduo por seu sucesso ou seu fracasso, associada ao Princípio da Semeadura, é um padrão no discurso da IURD, tal noção também é materializada nos recortes discursivos abaixo:

REC 11: O Bispo explicou que Deus deu ao ser humano o livre-arbítrio e respeita suas escolhas, mas cada uma delas gera seus frutos. Segundo ele, a maioria das derrotas e fracassos de uma pessoa é proveniente das escolhas erradas que ela fez. (Universal, 2022)

REC 12: Muitas pessoas são capazes de iniciar seus planos, mas poucas têm perseverança para terminá-los. A maioria não persevera e, por isso, não alcança o sucesso. O Bispo Misael destacou que Deus trabalha com pessoas perseverantes, que não desanimam mesmo quando tudo dá errado, pois elas colocam a confiança em Deus. (Universal, 2022)

Os recortes acima, mediante o Princípio da Semeadura, estabelecem uma conexão direta entre as ações individuais e os resultados espirituais e materiais que os fiéis podem esperar alcançar. Ao enfatizar o livre-arbítrio concedido por Deus, os recortes destacam que cada escolha feita pelos indivíduos resulta em frutos específicos. Escolhas consideradas erradas são associadas a derrotas e fracassos pessoais, o que reflete uma semeadura negativa que resulta em dificuldades. Por outro lado, a perseverança é exaltada como uma qualidade essencial, vista como uma forma contínua de semeadura de fé e ação correta. Assim, aqueles que persistem, apesar das adversidades, são vistos como colocando sua confiança em Deus, esperando colher bênçãos e sucesso.

Essa construção de causalidade espiritual e material motiva os fiéis a assumirem responsabilidade pela direção de suas vidas, o que incentiva uma conformidade com as normas e práticas religiosas da IURD para assegurar resultados positivos. E isso também se torna um impulsionador para outras práticas da igreja, como os cursos, seminários, livros, entre outros, em geral, produtos que são colocados para o fiel perseverar na busca da prosperidade. Em suma, os discursos não apenas orientam o comportamento dos fiéis, mas também os mobilizam a agir de acordo com uma ética de responsabilidade individual, fundamentada no Princípio da Semeadura como uma via para alcançar a bênção divina e a realização pessoal. Tal visão está sempre ancorada ao compromisso com a igreja, por isso a ênfase na oferta; a instituição não explora princípios como a caridade aos mais pobres, amplamente presentes em diversos versículos⁴⁰, o enfoque está nas ofertas e nas ações da IURD.

No REC 12, o Bispo afirma que as derrotas e fracassos de uma pessoa são, em sua maioria, resultados das escolhas erradas que ela fez ao longo de sua vida. Ele ressalta que *Deus* concedeu ao ser humano o livre-arbítrio, respeitando suas escolhas, mas enfatiza que cada decisão tem consequências diretas, as quais são responsabilidade exclusiva do indivíduo. Essa abordagem não somente responsabiliza o fiel por suas próprias circunstâncias adversas, mas também insinua que a correção dessas circunstâncias está ao alcance pessoal através de escolhas mais alinhadas com os princípios da fé e da contribuição financeira para a igreja.

⁴⁰ “Aquele que se compadece do pobre ao Senhor empresta, e este lhe paga o seu benefício.” (Provérbios 19:17); “E o Rei lhes responderá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25:40); “E, respondendo ele, disse-lhes: Quem tiver duas túnicas, reparta com o que não tem, e quem tiver alimentos, faça da mesma maneira.” (Lucas 3:11); “Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?” (João 3:17).

Tal abordagem reforça a noção de que as escolhas pessoais são determinantes nos resultados da vida do fiel. Sendo assim, a estratégia discursiva de culpabilização é habilmente utilizada ao estabelecer uma relação causal moral entre as escolhas individuais e os eventos da vida, fortalecendo assim a responsabilidade pessoal como um elemento fundamental na busca pela prosperidade material. Novamente, há a negligência aos aspectos sociais e econômicos aos quais o fiel possa estar submetido. Além disso, há um aspecto significativo de incentivo à contribuição financeira para a igreja como parte integrante dessa responsabilidade pessoal. Assim, a prática de ofertar é não apenas encorajada, mas enfatizada como um ato de fé que pode influenciar diretamente nas bênçãos material e espiritual do indivíduo.

Os recortes discursivos interpelam os sujeitos como seres que possuem livre-arbítrio, contudo, o *MAS* ressalta que o sujeito precisa de um norte, precisa da vinculação da instituição religiosa para guiar seu caminho responsabilizando-os pelas consequências de suas escolhas. Ao atribuírem os fracassos pessoais a escolhas erradas, os recortes insinuam uma responsabilidade individual que ressoa com valores morais e éticos, típicos da ideologia dominante. Essa interpelação não apenas posiciona os indivíduos como agentes responsáveis por seu próprio destino, mas também os direciona a buscar soluções baseadas na fé e na orientação divina para evitar tais fracassos no futuro.

A ênfase na oferta financeira na TP adiciona uma camada à dinâmica discursiva, na qual ofertar não é apenas um gesto de generosidade, mas uma ação estratégica que demonstra fé e compromisso com os princípios da igreja. Essa prática não só sustenta financeiramente a instituição religiosa, mas também reforça a crença de que investir materialmente na obra divina pode resultar em recompensas espirituais e materiais. O foco na ação humana como geradora de "frutos" e consequências está alinhado com a ideologia religiosa que enfatiza a importância da fé e das escolhas morais como determinantes do sucesso ou fracasso na vida.

Portanto, o discurso não se limita à culpa e responsabilidade individual, mas também promove uma estrutura de incentivo em que a oferta é vista como um meio para alcançar a bênção e a prosperidade prometidas pela TP.

Ademais, o REC 12 enfatiza a perseverança como um princípio essencial para alcançar o sucesso e as bênçãos divinas. Segundo o Bispo Misael, muitas pessoas falham em seus planos por falta de **perseverança**, uma qualidade vista como fundamental para aqueles que desejam receber as bênçãos de Deus. A repetição e a ênfase na perseverança servem para construir uma

narrativa na qual a fé ativa e a confiança em Deus são vistas como pilares fundamentais da vida cristã e da busca pela prosperidade material e espiritual. Essa estratégia linguística não apenas molda as práticas e crenças dos fiéis, mas também sustenta um modelo de negócio que engloba tanto aspectos espirituais, quanto econômicos, no qual a contribuição financeira é valorizada como um investimento com retorno espiritual e material. Sempre ancorado em bases bíblicas, de modo a estabelecer uma relação de paráfrase:

A paráfrase discursiva é entendida por um ponto de vista peculiar, que leva em conta o ideológico, não se restringindo ao nível estritamente linguístico. Toda paráfrase discursiva é, pois, determinada ideologicamente e historicamente, inscrevendo-se em dada FD. Quando observamos o funcionamento dessa noção, podemos dizer que há uma repetição com vistas à cristalização dos sentidos referentes a um discurso em específico, construindo um dado imaginário de sentido (Serrani, 1997).

Nesse sentido, ao parafrasear um discurso, não há apenas uma repetição de palavras de maneira diferente, há um funcionamento discursivo, de sujeitos que acreditam produzirem um discurso inédito e autoral, mas que reproduzem sentidos cristalizados. Assim, a repetição na paráfrase não é meramente mecânica, mas constrói um imaginário de sentido que reafirma ou transforma a interpretação original do discurso. Essa construção de imaginários de sentido é crucial, pois influencia diretamente como percebemos e reproduzimos significados dentro de uma comunidade discursiva. Cada paráfrase contribui para a manutenção ou desestabilização das ideologias vigentes, ao refletir e reforçar visões de mundo, valores e relações de poder. Portanto, a paráfrase discursiva não é apenas um processo linguístico, mas é também um instrumento ideológico e histórico poderoso, capaz de influenciar profundamente a construção e a perpetuação de discursos e imaginários sociais.

A relação parafrástica com os recortes discursivos 11 e 12 pode ser estabelecida a partir dos versículos a seguir:

- Tiago 1:12: "Feliz é o homem que **persevera** na provação, porque depois de aprovado receberá a coroa da vida que Deus prometeu aos que o amam."
- Romanos 5:3-4: "Não só isso, mas também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz **perseverança**; a perseverança, um caráter aprovado; e o caráter aprovado, esperança."
- Hebreus 10:36: "Vocês precisam **perseverar**, de modo que, quando tiverem feito a vontade de Deus, recebam o que ele prometeu."

- Tiago 5:11: "Como vocês sabem, nós consideramos felizes aqueles que mostraram perseverança. Vocês ouviram falar da **perseverança** de Jó e viram o fim que o Senhor lhe proporcionou. O Senhor é cheio de compaixão e misericórdia."

A relação de paráfrase ocorre por meio da retomada de um imaginário de sentido que valoriza a perseverança como uma virtude fundamental, necessária para alcançar o sucesso e as promessas divinas. Nesse sentido, ao ressoar a memória discursiva dos versículos, o discurso religioso utiliza a ideologia religiosa para interpelar os indivíduos como sujeitos responsáveis por suas escolhas e agentes de mudança, orientando-os a confiar em Deus e na IURD e, assim, persistir em seus caminhos, independentemente das circunstâncias adversas. Assim, a paráfrase discursiva não se limita ao nível linguístico, mas constrói um sentido ideológico e histórico que ressoa com as crenças e valores da comunidade religiosa em questão.

Trilhando esse caminho ainda, ao dar sequência à análise, percebemos regularidades e derivas no discurso religioso da IURD que serão melhor detalhadas a seguir. O recorte discursivo foi coletado no dia 18 de dezembro de 2022⁴¹:

REC 13: Segundo o Bispo Misael, aquele que deseja mudar sua realidade econômica “precisa em primeiro lugar ter uma Aliança com Deus, uma sociedade com Aquele que é dono da prosperidade e tem a direção certa para o sucesso. Depois é preciso ter consciência de qual é o seu talento e colocar toda a sua força naquilo que faz”. E, nessa trajetória, a fé é o ingrediente fundamental para alcançar vitórias e suportar os desafios. (Universal, 2022)

O recorte discursivo acima é composto por uma intersecção entre a religião e o aspecto econômico, refletindo os princípios da TP. O discurso do Bispo Misael destaca a importância de ter uma *Aliança* com *Deus* para alcançar sucesso *econômico*. Isso está alinhado à crença central da TP, a qual ensina que *Deus* deseja que seus seguidores prosperem em todas as áreas da vida, incluindo financeiramente. O texto também enfatiza a importância de reconhecer os próprios talentos e investir esforços neles. Embora isso possa parecer uma ideia secular, na TP, é frequentemente associado à crença de que *Deus* capacita indivíduos com talentos específicos para alcançar o sucesso financeiro. Acrescenta-se a isso a fé, que é mencionada como um elemento crucial para alcançar *vitórias* e superar desafios, por meio dela é reforçada a necessidade de se ter uma *Sociedade* com *Aquele* que é o dono da prosperidade – Deus. Tal relação mobiliza

⁴¹<https://www.universal.org/noticias/post/a-resposta-urgente-para-fechar-o-ano-com-chave-de-ouro/>

o campo semântico corporativo, pois em uma *Sociedade* é necessário investir capital financeiro *em primeiro lugar*. Além disso, é preciso da interseção da instituição religiosa, pois é ela que receberá a oferta dada pelo fiel, em nome de Deus.

Os bispos e pastores, nesse contexto, enquadram-se como tradutores da mensagem divina propiciando elementos a serem escritos na história do fiel. A tradução desses enigmas divinos ao homem, que estão na Bíblia, mas somente acessíveis através da interpretação feita pelos profetas de Deus da IURD, ocorre mediante a consolidação da Teologia da Prosperidade, a partir da qual o fiel assume uma postura de enfrentamento em relação a Deus. Tal postura se configura por uma exigência de tomar posse das bênçãos (confissões positiva/negativa); isto é, da cura para as mais diversas formas de sofrimento físico, mental, espiritual e econômico. Por meio da autoridade das palavras do pastor ou do bispo, da obediência do fiel e da expulsão do Diabo, responsável pelo mal, o milagre acontece. (DUARTE, 2022, p. 25)

Nesse sentido, a IURD desempenha um papel central ao ensinar, incentivar e administrar o Princípio da Semeadura. Ela educa os fiéis sobre a importância de investir financeiramente no reino de Deus como um ato de fé e de confiança na promessa divina de multiplicação e bênção. Essa prática fortalece o sustento financeiro da instituição religiosa e também reforça a relação de dependência e reciprocidade entre os fiéis e a divindade.

Assim, ofertar passa a ser um ato de obediência e confiança em Deus como provedor de prosperidade. Desse modo, a semeadura é fundamental para a construção de uma relação espiritual baseada na expectativa de recompensa divina. Ou seja, as ofertas são vistas como um meio de estabelecer um pacto de reciprocidade com Deus, esperando-se uma multiplicação dos recursos e bênçãos divinas em retorno.

Ao dar sequência à análise encontramos, agora de modo explícito, o Princípio da Semeadura, o que pode ser exemplificado no recorte a seguir⁴²:

REC 14: Isso requer, além de Fé, perseverança, uma vez que, seguindo a lei da semeadura, haverá frutos que colheremos mais rapidamente e outros que exigirão uma espera maior. O importante é não desanimar e não quebrar o pacto que estabelecemos com Deus, pois a colheita é garantida”, conclui o Bispo Zangarini. (Universal. 2022).

A base teológica para esse princípio é frequentemente interpretada como um pacto de reciprocidade com *Deus*: ao semear, seja financeiramente ou através de boas obras, os fiéis estão demonstrando sua confiança na provisão e na fidelidade de *Deus* para multiplicar essas

⁴² <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-esta-por-tras-do-fracasso-financeiro/> (retirado 31 de julho de 2022).

sementes plantadas. Isso não é visto apenas como um ato de fé, mas também como um meio prático e espiritual de atrair prosperidade e sucesso na vida dos crentes. Assim, na TP, o princípio da sementeira é uma expressão prática de fé que envolve investimento financeiro e ações positivas, acreditando que Deus recompensará abundantemente aqueles que semeiam com generosidade e coração sincero.

Tal abordagem simplifica as relações entre fé e prosperidade, negligenciando outros aspectos essenciais da espiritualidade e da justiça social. Além disso, essa ênfase na sementeira promove uma visão utilitária da religião. Nesse mote, a IURD, mediante o funcionamento discursivo da TP, aponta o Princípio da Sementeira como um caminho válido para demonstrar fé e receber as bênçãos de Deus, fundamentando-se nas interpretações das escrituras bíblicas que enfatizam a generosidade e a reciprocidade divina.

Desse modo, ao analisarmos os recortes acima em paralelo aos versículos bíblicos a seguir, é possível constatar, novamente, o funcionamento da paráfrase, pois o bispo afirma que com Deus é possível alcançar *prosperidade*, desse modo, ancorando as bênçãos divinas ao sucesso material, a partir dos seguintes fragmentos:

- Ageu 2:8: “Minha é a **prata**, e meu é o **ouro**, diz o Senhor dos Exércitos”.
- Deuteronômio 28:11: “O Senhor concederá grande **prosperidade** a vocês, no fruto do seu ventre, nas crias dos seus animais e nas **colheitas** da sua terra.”
- Gálatas 6:7-9: “Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem **semear**, isso também **colherá**.”
- Provérbios 11:24: “Há quem dê generosamente, e vê aumentar suas **riquezas**; outros retêm o que deveriam dar, e caem na pobreza.”

Nesse sentido, “as relações parafrásticas nos permitirão apreender, em especial, a filiação de sentidos que constitui o discurso, e se há deslizamentos e/ou deslocamentos de sentidos no processo discursivo” (Schneiders, 2013). Desse modo, a memória discursiva bíblica atua como um ponto de ancoragem que legitima o discurso do Bispo Misael dentro da comunidade religiosa. Entretanto, é importante observar que tal memória discursiva é reinterpretada e rearticulada dentro do contexto da TP, que visa justificar a busca por sucesso material e financeiro como uma manifestação da vontade divina. Assim, o uso dessa memória não se limita à simples reformulação linguística, ela funciona como um processo ideologicamente determinado que

visa cristalizar sentidos específicos, como a relação entre o discurso neopentecostal e a prosperidade econômica.

Sob essa ótica, Orlandi (2015) aborda a polissemia, que se refere à capacidade de um texto ou discurso ter múltiplos significados. No recorte discursivo 9, a afirmação de que *o importante é não quebrar o pacto que estabelecemos com Deus, pois a colheita é garantida* pode ser interpretada de diferentes maneiras, tradicionalmente, pode ser entendida como uma referência espiritual, em que a fé em Deus é vista como fundamental para o bem-estar geral. No entanto, dentro do contexto da TP, essa afirmação serve como uma justificativa para buscar riqueza material e sucesso financeiro, usando a fé como um meio para esse fim.

Sendo assim, ocorre um deslizamento discursivo que distancia essa interpretação da visão tradicional cristã e a aproxima da ótica capitalista. Esse deslizamento é evidenciado pela ênfase na busca pelo sucesso material e financeiro condicionado à *Aliança* com Deus, o que destoa dos ideais de humildade, desapego material e priorização do espiritual que compõem o cristianismo tradicional. Essa deriva do discurso bíblico, ao se adequar aos interesses da TP, autoriza a IURD a explorar o sucesso material como parte integrante da fé, legitimando assim seu discurso de busca por prosperidade financeira dentro de um contexto religioso. Dessa forma, a polissemia não apenas reconfigura os princípios religiosos, mas também serve como um mecanismo de legitimação ideológica.

O discurso analisado no recorte anterior é influenciado por essa memória discursiva, mas ocorre um deslocamento significativo em direção aos ideais capitalistas promovidos pela TP. O deslizamento discursivo evidencia como a memória bíblica é mobilizada e reconfigurada para se adequar aos interesses da TP, como a busca pela prosperidade material. Sendo assim, ao considerar a ressonância da memória discursiva bíblica no discurso do Bispo Misael, podemos compreender como os princípios religiosos são mobilizados e adaptados para justificar os pressupostos da TP.

Além disso, o discurso da IURD não apenas culpabiliza o indivíduo pelo seu sucesso ou fracasso, mas também apresenta uma “solução” institucional para eles. Essa solução é a participação no “O Novo Congresso para o Sucesso”, voltado à prosperidade econômica⁴³. Tal Congresso ocorre regularmente, às segundas-feiras⁴⁴. Durante o congresso são abordados temas como motivação pessoal⁴⁵, estratégias para alcançar metas, princípios de liderança e gestão,

43 <https://www.universal.org/noticias/post/qual-e-a-estrategia-certa-na-hora-de-procurar-emprego/>

44 <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-esta-por-tras-do-fracasso-financeiro/>

45 <https://www.universal.org/noticias/post/o-que-esta-por-tras-do-fracasso-financeiro/>

além de aspectos espirituais e de fé que são ensinados dentro da perspectiva teológica da IURD. A ideia central é capacitar os participantes não apenas espiritualmente, mas também no âmbito profissional e pessoal, incentivando-os a desenvolverem habilidades que contribuam para o seu sucesso e bem-estar. Esses congressos costumam contar com a participação de líderes religiosos da IURD, que compartilham experiências, orientações e testemunhos de vida, com o intuito de inspirar os participantes a superarem desafios e a alcançarem seus objetivos.

REC 15: Saia da estagnação: Se você está com dificuldades de recolocação no mercado de trabalho, sua carreira está estagnada ou não vê perspectivas de mudança, você precisa fazer algo diferente para modificar essa situação. Faça como milhares de pessoas que estão encontrando soluções baseadas na Palavra de Deus e participe do Novo Congresso para o Sucesso. (Universal, 2022)

REC 16: O diferencial dessas palestras é em que tipo de conteúdo estão baseadas. “Todas elas têm como base a Palavra de Deus, ou seja, a Palavra da Criação, aquela que gerou o Universo e pode gerar uma nova vida para aquele que crê. Além disso, realizamos um combate espiritual à força da miséria, responsável direta por impedir o progresso de muitas pessoas capacitadas e trabalhadoras, que, apesar de seus esforços, não conseguem alcançar seus objetivos”, diz Zangarini. (31 de julho de 2022).

Tais recortes enfatizam a crença de que a prática dos princípios bíblicos pode transformar positivamente a vida material e espiritual dos indivíduos. Isso é claramente demonstrado pelo convite para participar do "Novo Congresso para o Sucesso", apresentado como uma solução baseada na Palavra de Deus para superar dificuldades econômicas e profissionais. A persuasão discursiva é habilmente utilizada para encorajar a ação direta dos leitores, enfatizando que seguir os ensinamentos e direções oferecidos no congresso resultará em mudanças positivas em suas vidas. Isso reflete a ideia de fazer uma sociedade com Deus, na qual a cooperação ativa com os princípios divinos é vista como vantajosa para alcançar o sucesso e a prosperidade desejada. Além disso, os textos constroem um imaginário poderoso ao representar a Palavra de Deus como uma fonte de poder criativo e transformador.

A descrição da luta espiritual contra a *miséria*, que impede o progresso de pessoas capacitadas e trabalhadoras, reforça a narrativa de que a participação ativa na fé pode resultar na superação de obstáculos materiais e espirituais. Dessa forma, o *combate espiritual à força da miséria* indica uma perspectiva dualística (espiritual vs. material) que é comum em discursos religiosos, na qual elementos adversos são atribuídos a forças espirituais negativas. O uso de

expressões como a *Palavra da Criação, aquela que gerou o Universo* e a referência à capacidade transformadora da fé são estratégias discursivas que buscam legitimar a autoridade e eficácia das práticas propostas.

Esses recortes possibilitam observar como a IURD mobiliza estratégias discursivas na conexão direta entre a retórica religiosa e a prática cotidiana dos fiéis. Esses elementos constituem um aparato persuasivo que não apenas fortalece a autoridade da igreja, mas também incentiva uma participação ativa na fé como um meio eficaz para alcançar benefícios tangíveis e espirituais na vida dos crentes. Os RECs interpelam os leitores como sujeitos em situações específicas: aqueles que estão enfrentando dificuldades no mercado de trabalho sentem que suas carreiras estão estagnadas ou não veem perspectivas de mudança.

A sugestão é que eles *façam algo diferente para modificar essa situação* por meio da participação no *Novo Congresso para o Sucesso*. Isso reflete a ideia pechetiana (2014) de que a ideologia interpela os indivíduos como sujeitos específicos através de discursos que apontam soluções e promovem ação com base em certas premissas ideológicas, neste caso, ligadas à fé e à intervenção divina. Nesse sentido, os recortes destacam a centralidade da *Palavra de Deus* como fonte de solução para problemas pessoais e profissionais. A ideologia religiosa é apresentada como um recurso essencial para superar a estagnação e alcançar o sucesso.

Ao vincular a participação no congresso ao sucesso pessoal, os discursos legitimam essa ação através da autoridade divina, o que reforça a interpelação ideológica. Assim, é possível observar como esses discursos constroem realidades sociais e individuais específicas através de representações ideológicas e como posicionam os sujeitos dentro de um sistema de crenças e práticas que podem moldar suas percepções e ações, especialmente em relação ao sucesso, trabalho e identidade pessoal.

A partir das análises realizadas até aqui, o recorte abaixo⁴⁶ funciona como uma síntese dos conceitos e dos sentidos discutidos, exemplificando o funcionamento da TP no discurso da IURD⁴⁷.

REC 17: Ele diz que tem veículos, terrenos e imóveis próprios e está construindo uma casa para a família avaliada em R\$ 900 mil. Seu sucesso e conquistas financeiras são frutos de sua fidelidade e da decisão de colocar em prática o que aprende nas palestras.

⁴⁶ <https://www.universal.org/noticias/post/voce-emprende-com-a-forca-do-proprio-braco/>

⁴⁷ O objetivo desta pesquisa é compreender como a “Teologia da Prosperidade” funciona discursivamente nas igrejas neopentecostais. Sobre este tema, escolhemos o discurso da Igreja Universal do Reino de Deus, que é a maior representante do neopentecostalismo no Brasil.

Valdir faz questão de ressaltar que suas inspirações vêm do Altar e que nada se compara à sua comunhão com Deus (Universal, 2022).

O recorte discursivo apresenta Valdir como um sujeito de sucesso, cujas conquistas financeiras são diretamente atribuídas à sua fidelidade aos princípios da igreja. Ele destaca possuir veículos, terrenos e imóveis próprios, além de estar construindo uma casa avaliada em R\$ 900 mil, resultado de colocar em prática o que aprende nas palestras da IURD. Essa narrativa enfatiza a conexão entre prosperidade material e espiritualidade, central na TP, que ancora a ideia de o sucesso financeiro ser um reflexo da bênção divina, para aqueles que seguem fielmente os preceitos da igreja. Com isso, o discurso de Valdir contribui significativamente para a legitimação institucional da TP, pois reforça a noção de que o cumprimento das práticas religiosas ensinadas pela igreja não apenas fortalece a comunhão com Deus, mas também traz benefícios tangíveis na forma de prosperidade material. Ao atribuir explicitamente seu sucesso à sua fidelidade e aplicação dos ensinamentos recebidos, Valdir reitera o princípio da sementeira.

Ademais, o recorte discursivo destaca que suas inspirações vêm do *Altar*, o que insinua que suas motivações e orientações são espiritualmente guiadas. Essa conexão espiritual é crucial na TP, pois a busca contínua pela comunhão com Deus é vista como um caminho para a continuidade das bênçãos e do sucesso. O discurso de Valdir ilustra como a TP utiliza testemunhos pessoais de sucesso financeiro como evidência da intervenção divina na vida dos fiéis. A posse de bens materiais é interpretada como um sinal tangível da aprovação e bênção de Deus, o que reforça a confiança na eficácia dos ensinamentos da igreja. Ao destacar que suas inspirações vêm do *Altar*, o recorte discursivo também valida a autoridade espiritual e moral da igreja, o que reforça a confiança dos fiéis nos líderes religiosos e nos ensinamentos ministrados. Isso cria um ciclo de reafirmação da TP, no qual testemunhos como o de Valdir servem como prova social da eficácia dos ensinamentos da igreja.

Em termos de efeitos de sentido, o recorte discursivo produz um efeito de verdade ao estabelecer que sua prosperidade material é uma evidência concreta da bênção divina. Esse efeito influencia a formação das identidades dos fiéis ao fortalecer a identificação com a IURD como uma comunidade religiosa que oferece respostas concretas para aspirações materiais e espirituais. Assim, a análise do recorte discursivo aponta para a forma como esses discursos moldam percepções individuais e coletivas dentro da comunidade religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando os temas explorados ao longo deste estudo, constatamos que a TP exerce uma influência significativa nas práticas discursivas da IURD, especialmente ao legitimar a conexão entre sucesso financeiro e espiritualidade. A TP não apenas oferece respostas para necessidades espirituais, mas também se posiciona como um guia para alcançar objetivos materiais, de modo a criar um ciclo de reafirmação da fé e da prática religiosa.

No primeiro capítulo, exploramos a evolução do movimento pentecostal desde suas origens até seu desenvolvimento no contexto do neopentecostalismo. A ascensão do neopentecostalismo trouxe consigo uma ênfase renovada na prosperidade material como parte integrante da experiência espiritual, marcando um desvio significativo das ênfases tradicionais do pentecostalismo inicial, que frequentemente valorizava experiências espirituais intensas e o poder do Espírito Santo como sinais de autenticidade religiosa.

O segundo capítulo destacou os contrastes entre a TP e a TL, revelando suas divergências ideológicas e práticas. Enquanto a TP enfatiza a prosperidade material como uma bênção divina e incentiva práticas como o dízimo como meio de alcançar sucesso financeiro, a TL prioriza a justiça social e a solidariedade com os pobres e oprimidos como expressões centrais da fé cristã. Esses contrastes refletem diferentes abordagens teológicas e éticas dentro do cristianismo contemporâneo.

No terceiro capítulo, analisamos recortes discursivos retirados do jornal Folha Universal, categorizando-os em duas temáticas principais: o *Temor a Deus* e o *Princípio da Semeadura*. Os discursos analisados nos permitiram observar como essas temáticas são utilizadas pela IURD para fortalecer a identidade religiosa de seus seguidores e promover a adesão aos seus ensinamentos. O temor a Deus é explorado como um motivador para a obediência e a devoção religiosa, enquanto a teoria da semeadura é apresentada como um princípio que promete recompensas materiais e espirituais para aqueles que praticam a generosidade financeira. Essas análises evidenciam como os discursos da IURD moldam as percepções individuais sobre fé e espiritualidade, bem como funcionam de modo estratégico para fortalecer a coesão interna da comunidade religiosa.

Em termos mais amplos, os discursos analisados apontam como a TP molda identidades individuais e coletivas ao oferecer uma narrativa convincente de que a obediência aos preceitos religiosos não só é benéfica espiritualmente, mas também traz recompensas materiais substanciais. Esse efeito de verdade estabelecido pelos discursos da TP influencia profundamente a

percepção dos fiéis sobre si mesmos e sobre a igreja como uma comunidade capaz de atender tanto às suas aspirações materiais quanto espirituais.

Assim, a análise discursiva realizada neste estudo destaca a complexidade das dinâmicas entre religião, identidade e prática social na IURD, bem como, sobre como os discursos da TP operam na formação de significados e práticas dentro da comunidade religiosa. Concluimos, portanto, que este estudo alcançou seu objetivo de compreender como a TP funciona discursivamente nas igrejas neopentecostais, sobretudo na IURD, contribuindo significativamente para o enriquecimento da instituição mediante promoção de uma visão integrada de sucesso espiritual e material.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. In: *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Ed. Graal, 1983.

BARTLEMAN, Frank. **A História do Avivamento Azusa**. Impacto Publicações: São Paulo, 2016.

BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução: José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BITUN, Ricardo. **Igreja Mundial do Poder de Deus**: Rupturas e continuidades no Campo religioso neopentecostal, Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. São Paulo, 2007. p. 200.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. **O novo espírito do capitalismo**. Paris: Wmf Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado**: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora, UESP. 1997.

CATELLAN, João Carlos. **INTERDISCURSO E MEMÓRIA: A METÁFORA E A METONÍMIA EM PÊCHEUX/HERBERT**. Alfa. São Paulo, v.66, e14408, 2022.

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. **Pesquisa qualitativa**: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v. 15, n. 4, out. 2006, p. 681.

CATUNDA, Marcus Túlio Tomé. **Discurso, Cognição e Sociedade**: O Discurso religioso na Igreja Universal do Reino de Deus”, EDUC, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

COX, Harvey. **A Cidade Secular**: A Secularização e a Urbanização na Perspectiva Teológica. Academia Cristã. 2015.

_____. **Fire From Heaven**: The Rise of Pentecostal Spirituality and the Reshaping of

Religion in the Twenty-First Century. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Company, 1995. p. 271-272.

_____. **O Futuro da Fé.** São Paulo: Editora Paulus, 2015.

DUARTE, Marcello Felipe. **A Teologia da Prosperidade na Igreja Universal do Reino de Deus.** Coletânea. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 257- 282, jan./jun. 2022. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br

FERRARI, Odêmio Antônio. **Bispo S/A – A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder.** São Paulo: Editora Ave-Maria, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Análise de Discurso e Psicanálise:** uma estranha intimidade. Porto Alegre: Correio da APPOA, 2004.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. O Espírito Empreendedor na Igreja Universal do Reino de Deus: As representações sociais sobre empreendedorismo. 2007. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

FILHO, Fábio Ramos Barbosa. **BarLíngua, arquivo, acontecimento:** trabalho de rua e revolta negra na Salvador oitocentista / Fábio Ramos Barbosa Filho. – Campinas, SP: [s.n.], 2016.

GARRARD-BURNETT, Virginia. **A vida Abundante:** A Teologia da Prosperidade na América Latina. *Revista História: Questões & Debates*, Paraná, v. 55, n. 2, 2011.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião:** dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. Editora Attar Editorial, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica Do Acontecimento.** Pontes, 2003.

LEMOS, Carolyne dos Santos. **Teologia da Prosperidade e sua expansão pelo mundo.** 2017. Dissertação (Mestrado) – Curso de Política Social, Universidade Federal do Espírito Santo.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses:** religião e política na América Latina. Petrópolis: Vozes, 2000.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe:** Estudos sobre a dialética marxista. WMF Martins Fontes – POD, 2018.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa:** Os comunistas no imaginário dos jornais 1922-

1989. Campinas, Revan, 1988.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Sémantique de la polémique**: discours religieux et ruptures idéologiques au XVIIème siècle. Lausanne: L'Age d'Homme, 1983.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O neopentecostalismo**. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens**. 2. ed. São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2008.

MITTMANN, Solange. **Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999

NOVAES, Regina Reys. **Os Escolhidos de Deus**: pentecostais, trabalhadores e cidadania. Marco Zero, Cadernos do ISER, São Paulo, 19, 1985.

NUNES, José Horta. **O discurso documental na história das ideias linguísticas e o caso dos dicionários**. São Paulo, n. 52, v. 1, p. 81-100, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1468>>. Acesso em: 19 jan. 2012.

_____. **Leitura de arquivo: historicidade e compreensão**. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007, p. 373-380.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Pontes: Campinas, 2015.

OLIVA, Margarida. **O diabo no reino de Deus: por que proliferam as seitas?** São Paulo: Musa Editora, 1997.

_____. **As formas do silêncio: no movimento de sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

_____. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia**. 2.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PASSOS. **Pentecostais: origens e começo**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al. 5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. (1983) **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. In: ACHARD, Pierre. [et. al.]. **Papel da Memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: 1999. p. 49-57.

PRANDI, Reginaldo. **Religião paga, conversão e serviço**. *Novos Estudos Cebrap* 45, p. 65-77, 1996.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008 (Coleção Memória da Educação).

SERRANI, S. M. **A linguagem na pesquisa sociocultural: um estudo da repetição na discursividade**. 2. ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 1997. 152 p.

SILVA, O. S. F. **Os ditos e os não-ditos do discurso: movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem**. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, 13(14), 2009.

SOUSA, Bertone de Oliveira. **A Teologia da Prosperidade e redefinição do protestantismo brasileiro: Uma abordagem à luz da Análise do Discurso**. Maringá: Revista Brasileira de História das Religiões, 2011.

SCHNEIDERS, Caroline Mallmann. **O funcionamento da paráfrase discursiva: constituição do sujeito e dos sentidos na produção do conhecimento dos anos de 1950**. Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

TARRIT, Fabien. **A transição do feudalismo ao capitalismo interpretada pelo marxismo analítico**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas – IFCH, 2017

WEBER, Max. **A Ética Protestante e O Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

WEBER, Max; GERTH, Hans Heinrich; MILLS, Charles Wright. **Ensaio de sociologia**. 1982.

Zoppi-Fontana, Mônica. **Cidadãos modernos: discurso e representação política**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____. **“Acontecimento, arquivo, memória: às margens da lei”**. In: *Revista Leitura*, nº 30, Maceió: 2002, pp. 175-205.